

Osmar Arouck

ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NO LIVRO DE RUTE
OS COLÓQUIOS DE NOEMI E RUTE
À LUZ DA DINÂMICA DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Belo Horizonte (MG)
2015

Osmar Arouck

ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NO LIVRO DE RUTE
OS COLÓQUIOS DE NOEMI E RUTE
À LUZ DA DINÂMICA DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

Monografia apresentada ao Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial do Curso de Especialização em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual (ECOE).

Orientador: Pe. Alfredo Sampaio Costa, SJ.

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Belo Horizonte (MG)
2015

À venerável memória de

MARTHA THEREZA,
AUTA,
ESTELITA E
BALSAMINA,

*Mulheres que testemunharam
a crença, a esperança e o amor no
Deus Misericordioso.*

Resumo

Apresenta uma leitura do *Livro de Rute* (LR) no âmbito da dinâmica da orientação espiritual, a partir da contribuição de William Barry. Discute alguns aspectos da orientação espiritual (OE), enfocando terminologia e conceito, a pessoa orante e sua experiência de Deus, e a pessoa que ajuda. Indica a contribuição de William Barry, indicando bibliografia retrospectiva da produção desse autor. Examina o LR indicando suas características, estrutura da narrativa, pessoas da trama, normas e preceitos vitalizados. Faz indicações das representações artísticas feitas a partir do LR. Analisa as interações dialógicas no LR, com ênfase nos diálogos entre Noemi e Rute. Descreve alguns aspectos da dinâmica da OE presentes no LR. Conclui por ser apropriado tomar-se o LR como um texto bíblico em que se explicita a prática da OE, tendo-se como elemento de referência os colóquios presentes na narrativa. Apresenta extensa bibliografia.

Palavras-chave: Livro de Rute; Orientação espiritual; Espiritualidade cristã.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1 A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL	10
1.1 Orientação espiritual: termo e conceito.....	10
1.2 Pessoa orante e sua experiência de Deus	11
1.3 Pessoa que ajuda.....	12
1.4 A contribuição de William Barry	12
2 O LIVRO DE RUTE	15
2.1 Características do Livro de Rute	15
2.2 Estudos e abordagens do Livro de Rute	16
2.3 Estrutura da narrativa.....	17
2.4 Pessoas da trama.....	19
2.5 Normas e preceitos vitalizados	20
2.5.1 Lei do levirato.....	21
2.5.2 Lei do resgate das propriedades.....	22
2.5.3 Respiga	22
2.5.4 Exclusão dos moabitas da comunidade	22
2.5.5 Proibição de casamento com estrangeiras	23
2.5.6 Situação das viúvas.....	23
2.6 O Livro de Rute na arte	24
3 INTERAÇÕES DIALÓGICAS NO LIVRO DE RUTE.....	26
3.1 Diálogo entre Noemi e suas noras (Rt 1, 8-15)	27
3.2 Cântico de Rute (Rt 1, 16-17)	27
3.3 Diálogo das mulheres de Belém com Noemi (Rt 1, 19-21)	28
3.4 Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 2, 2)	29
3.5 Diálogo entre Rute e Booz (Rt 2, 8-15)	30
3.6 Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 2, 18-22).....	31
3.7 Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 3, 1-5).....	31
3.8 Diálogo entre Rute e Booz (Rt 3, 9-15)	31
3.9 Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 3, 16-18).....	32
3.10 Diálogo entre Booz e aquele que tinha o direito de resgate (Rt 4, 1-8).....	33
3.11 Diálogo de Booz com os anciãos (Rt 4, 2.9-12)	33

3.12	Diálogo das mulheres de Belém com Noemi (Rt 4, 14-15)	33
4	A DINÂMICA DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NO LIVRO DE RUTE	34
4.1	Relacionamento entre pessoa orante e o Senhor	34
4.1.1	Deus que se faz presente.....	34
4.1.2	Relacionamento consciente	35
4.1.3	Resistência a Deus e imagens de Deus.....	36
4.1.4	Fortalecimento do relacionamento entre a orientanda e o Senhor.....	37
4.2	A orientação espiritual e a comunidade de fé	40
	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	44

Introdução

O *Livro de Rute*, uma joia da literatura do Primeiro Testamento, apresenta, em sua simplicidade e aparente ingenuidade, uma revisão de preceitos e costumes relativos à comunidade, família e justiça social. Sua narrativa transcorre no período anterior à monarquia; mas sua datação é do período pós-exílico.

A história proposta é, por si só, atraente. Noemi, judaíta, e sua nora Rute, moabita, buscam refúgio em Belém, após a morte de seus maridos nos campos de Moab. Duas viúvas, sem descendentes, sem porvir, buscam, à luz da Lei de Deus, garantir sua própria sobrevivência e a perpetuação do nome de seus maridos. A leitura, interpretação e aplicação das leis divinas são realizadas em clima de discernimento, confiança, misericórdia e criatividade.

O *Livro de Rute* causa, já há algum tempo, uma ressonância de grande significado para minha vida espiritual e para o exercício do ministério da orientação espiritual. Tenho nele como que um modelo da interação de pessoas de fé que buscam descobrir e realizar a vontade de Deus em suas vidas e na comunidade.

A pesquisa bibliográfica, cujo esforço me foi prazeroso pela minha prática profissional como bibliotecário, trouxe-me alegria ao descobrir tantos modos de abordar e recepcionar a obra estudada. Por ser livro há muito presente na tradição religiosa judaico-cristã, é amplo o seu alcance e inúmeras as suas fontes de estudo. Fazer um recorte foi desafiador, mesmo que se tenha em mente que é um exercício monográfico de pequena extensão, o entusiasmo pelo tema e pelas descobertas estenderam o texto além do necessário e do oportuno. Oxalá, eu possa, mais adiante, dar continuidade aos estudos de tão precioso livro.

O exercício da reflexão sobre a dinâmica da orientação espiritual, a partir de estudos de casos de personagens bíblicos mostra-se útil para ampliar nosso saber sobre essa dinâmica espiritual. As decisões, escolhas, atitudes, comportamentos concretos de personagens bíblicos são exemplificadores das múltiplas manifestações do relacionamento de Deus com seu povo e do modo de compreender essas relações no *continuum* da história da salvação. O caso em estudo, Rute e Noemi, agrega um elemento de grande interesse que é o fato das protagonistas serem mulheres e onde o feminino é elemento relevante para a realização do plano de amor de Deus.

A escolha do referencial teórico de William Barry deveu-se a sua contribuição significativa nos estudos da dinâmica da orientação espiritual e por sua contemporaneidade e afinidade aos princípios norteadores oferecidos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

Este trabalho é um estudo monográfico apresentado no âmbito do Curso de Especialização em Espiritualidade Cristã e Orientação Espiritual, realizado na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia dos jesuítas, em Belo Horizonte, no período de 2014 a 2015. Insere-se em estudos que, tomando um texto ou personagem da Bíblia, abordam a dinâmica da orientação espiritual com base em estudos da espiritualidade bíblica. Esta monografia organiza-se em quatro partes que se complementam:

- I. A orientação espiritual.
- II. O *Livro de Rute*.
- III. Interações dialógicas no *Livro de Rute*.
- IV. A dinâmica da orientação espiritual no *Livro de Rute*.

A orientação espiritual cristã é apresentada a partir de autores contemporâneos, iniciando-se com definições terminológicas e conceituais. Dá-se razões para a preferência do termo ‘orientação espiritual’, dentre outros presentes na literatura desse campo de estudo. Em seguida, busca-se uma visão geral daquilo que é considerado o âmago da orientação espiritual que é a experiência pessoal e imediata de Deus. Vistos alguns pontos referentes à pessoa orante (orientando) e sua experiência de Deus, pontua-se alguns elementos relevantes sobre a pessoa que ajuda (orientador). Faz-se uma apresentação da contribuição de William Barry, jesuíta estadunidense, no desenvolvimento de estudos e práticas de orientação espiritual cristã. Algumas obras deste autor servirão de referencial teórico para o desenvolvimento da análise a que se propõe este trabalho. Feita esta introdução no plano da dinâmica da orientação espiritual passa-se ao *Livro de Rute* como texto de referência para a análise proposta.

A apresentação do *Livro de Rute* é feita a partir de suas características principais, a saber: ambientação da narrativa, redação, canonicidade e uso litúrgico. No âmbito dos estudos e interpretações do *Livro de Rute*, verificam-se os métodos e as abordagens de hermenêutica bíblica, bem como as análises literárias da obra. Ao apresentar-se a estrutura da narrativa faz-se um sumário das partes e tópicos e episódios da história apresentada no livro. Por ser peculiar à obra, é feito um quadro em que os nomes dos personagens da história são apresentados com os seus respectivos significados. São apresentadas as situações em que a norma ou o costume são revistos a partir de uma hermenêutica da misericórdia, como o levirato, o resgate de propriedades, a respiga, a exclusão dos moabitas da comunidade, a proibição de casamento com estrangeiras e a situação de desamparo das viúvas. Encerra-se a apresentação do *Livro de Rute* com um tópico especial que é a sua representação na arte. Esse item do trabalho visa ressaltar a importância estética que a obra tem no imaginário coletivo e no patrimônio cultural mundial.

As interações dialógicas dos diversos personagens do *Livro de Rute*, sobretudo os diálogos entre Noemi e Rute são tomados como pistas para compreender a dinâmica da orientação espiritual. Ao longo da narrativa são apresentadas doze interações dialógicas explícitas: seis colóquios entre Noemi e Rute; duas conversas entre Noemi e a mulheres de Belém; duas conversações entre Rute e Booz; e dois diálogos entre Booz e homens da comunidade. Essas interações dialógicas mostram o percurso hermenêutico que o autor, ou autora, do texto sagrado deseja propor à comunidade de fé. No contexto da orientação espiritual, essas interações dialógicas mostram-se adequadas para explorar, em um texto bíblico, os modos de comunicar a outrem a própria experiência de oração e percepção da ação de Deus em sua vida. Nisto consiste o principal interesse da presente monografia.

Feita a identificação dos diálogos, tomam-se aqueles que se mostram mais significativos para a análise pretendida. Procede-se ao exame de alguns elementos próprios à dinâmica da orientação espiritual a partir dos fatos narrados e dos diálogos presentes no *Livro de Rute*. Esta parte do trabalho aborda o relacionamento da pessoa orante com o Senhor, com destaque para a iniciativa de Deus, o relacionamento consciente, resistência a Deus, imagens de Deus e o fortalecimento do relacionamento entre a orientanda e o Senhor. Acrescenta-se ainda um olhar sobre a orientação espiritual e a comunidade de fé.

Na conclusão, são destacadas algumas atitudes consideradas essenciais para o ministério da orientação espiritual. Realce se faz para a atitude contemplativa em que se mostram os protagonistas, fazendo para o outro uma face misericordiosa de Deus.

1 A ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL

O processo de orientação espiritual cristã – vista sob o aspecto dos protagonistas – é o caminho e a comunicação que envolve uma pessoa orante, que se empenha para a santidade; uma pessoa que ajuda a progredir no caminho rumo à santidade; o Espírito Santo, que efetivamente é o diretor e animador por excelência (STRUS, 2012). Em outras palavras Barry e Connolly afirmam:

Direção espiritual é ajuda para o desenvolvimento do relacionamento de alguém com o Senhor. As pessoas mais diretamente envolvidas na direção espiritual são o Senhor, o dirigido e o diretor. O relacionamento entre diretor e dirigido pode ser crucial para o desenvolvimento do relacionamento entre o dirigido e o Senhor, mas este último relacionamento existe anteriormente e independente do primeiro. Diretores não criam relacionamentos entre Deus e seus dirigidos, eles tentam fortalecê-los. (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 43)

Os autores acima citados convergem com o posicionamento de Vázquez Moro (2006, p. 6) que faz uma afirmação fundamental sobre a atuação do orientador, ou da orientadora:

O orientador espiritual não é o começo nem o fim, isto é: não pode ocupar o lugar do orientando, nem o lugar do Oriente, o lugar de Deus.

A impossibilidade de ficar no começo ou no fim constitutivos do espaço da relação determina o “meio” como o *lugar do orientador*. É isso que a frase inaciana, acima citada, afirmava: “não se decante nem se incline a uma ou outra parte, mas ficando no meio...” Mas, que o lugar do orientador esteja no “meio” não significa que a sua função possa ser interpretada como a de mediador ou mediação da relação entre Deus e a outra pessoa. Essa relação, como a frase inaciana diz expressamente, deve ser deixada e respeitada na sua imediatez, deve ser imediata e não suporta a intromissão de terceiros. A geometria ou a teometria aqui subentendida é uma reta e não um triângulo. A importância e a audácia teológica da frase inaciana consistem justamente nisto; a relação com Deus é considerada como imediata e, por isso reversível na sua bidirecionalidade: não é somente Deus quem age imediatamente na criatura, mas também esta age imediatamente no Criador. Não é somente o homem que faz a experiência de Deus; Deus também faz experiência do homem. A não intromissão do orientador na relação da outra pessoa com Deus se fundamenta no respeito à relação de Deus-Criador e Senhor com ela. A discrição humana é respeito teológico.

1.1 Orientação espiritual: termo e conceito

O termo *orientação espiritual* é o que, no Brasil, tem sido mais amplamente usado. Strus (2012) registra que “nos últimos tempos assistiu-se a algumas tentativas de substituir os termos tradicionais de ‘direção espiritual’ por outros que correspondessem melhor à sensibilidade hodierna”. Barry e Connolly (1985, p. 23) preferem o termo direção espiritual (*spiritual direction*), por entenderem ser mais descritivo da experiência visada, em detrimento de expressões outras como *aconselhamento espiritual*, *aconselhamento religioso* ou *orientação espiritual*.

Vázquez Moro (2001, 2006) adota o termo *orientação espiritual* dando o seguinte suporte à opção terminológica por ele adotada e que é seguida neste trabalho:

A orientação é um fenômeno pelo qual uma pessoa se localiza, se situa ou se posiciona espaço-temporalmente em referência a um processo determinado. A experiência original da orientação é o Oriente: o sol nascente, pelo qual quem procura situar-se (“orientar-se”) pode localizar-se em relação a um horizonte espacial (os denominados pontos cardeais) e temporal (as diferentes horas do dia).

[...]

Etimologicamente, encontrar o sentido é encontrar o caminho, a direção, os pontos de referência que permitem que a gente se oriente. Quando se fala de “orientação espiritual”, é isso que está por trás. (VÁZQUEZ MORO, 2001, p. 8-9)

Na definição de Barry e Connolly (1985, p. 21) temos a seguinte formulação:

Definimos, portanto, a direção espiritual cristã como a ajuda dada por um cristão a outro, ajuda essa que capacita este outro a prestar atenção à comunicação pessoal de Deus com ele, a responder a esse Deus pessoalmente comunicante, a aumentar a sua intimidade com Ele e a viver as consequências desse relacionamento.

A orientação espiritual é, portanto, “meio para atingir algo ou alguém que não começa nem acaba na orientação espiritual” (VÁZQUEZ MORO, 2006).

O ministério da orientação espiritual é um patrimônio eclesial. No entanto, é sempre proveitoso recordar que é apenas um dos muitos ministérios da Igreja. Se, por um lado, a prática da orientação espiritual ilumina a ação pastoral em diversos outros setores; não se deve pretender tomar o lugar de outros ministérios, como ensinar, pregar ou fazer orientação moral, no âmbito da orientação espiritual (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 54). O ministério da orientação espiritual é, portanto, uma área do ministério pastoral, que mantém estreita relação com o aconselhamento pastoral e com a assistência pastoral, sem que seja confundido com essas (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 23).

1.2 Pessoa orante e sua experiência de Deus

“O âmago da orientação espiritual é a experiência pessoal e imediata de Deus como um processo ou uma história”, com esta afirmação Vázquez Moro (2006) centra o processo de orientação na experiência espiritual da pessoa que procura orientação. Entendendo-se *espiritual* a experiência pessoal, imediata e consciente de Deus.

A conceituação aqui adotada de orientação espiritual dá primazia ao enfoque sobre experiências de Deus ocorridas com mais frequência durante a oração, quando a pessoa se coloca de modo consciente na presença de Deus. Esta primazia não significa desprezo pelas outras formas e momentos de relacionamento da pessoa com Deus, apenas o privilegia como foco de atenção (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 21). Vázquez Moro (2006) enfatiza que “a orientação espiritual só deslança realmente, quando alguém sente aquilo que antes

denominava experiência pessoal e imediata de Deus e quando essa experiência desassossega a pessoa”.

1.3 Pessoa que ajuda

A atuação do orientador, ou da orientadora, demanda uma abertura à ação mistagógica. Entendendo-se aqui mistagogia como “a maneira como sou conduzido, através das marcas de Deus em minha vida, é o sentido dessas marcas” (VÁZQUEZ MORO, 2001, p. 11). Outro aspecto importante da atitude do orientador, orientadora, é a confiança na força do Espírito que se comunica com liberdade com a pessoa orante. O Espírito Santo dá inteligência à Palavra, aos sacramentos, aos acontecimentos, à vida da pessoa. Ele, o Espírito, é o verdadeiro mistagogo; é nessa experiência que se percebe o sentido da adjetivação *espiritual* à orientação. Neste sentido, é oportuno citar Barry e Connolly:

O relacionamento entre diretor e dirigido pode ser crucial para o desenvolvimento do relacionamento entre o dirigido e o Senhor, mas este último relacionamento existe anteriormente e independe do primeiro. Diretores não criam relacionamentos entre Deus e seus dirigidos, eles tentam fortalece-los. (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 43)

Uma das atividades próprias do orientador, da orientadora, é ajudar a pessoa orante a perceber a ação da Trindade por meio das *moções espirituais*. No ambiente e na prática dos Exercícios Espirituais (EE), onde a atenção às moções espirituais é fundamental, Inácio de Loyola enfatiza sobre a atenção que deve ser dada por quem dá os exercícios (orientador, orientadora) para a presença, ausência, natureza e intensidade das moções. Esta ênfase se vê nas anotações 6^a, 7^a e 8^a, 13^a e 14^a dos EE (2011, p. 13-16).

1.4 A contribuição de William Barry

A análise dos diálogos presentes no *Livro de Rute* é realizada a partir de algumas obras de William A. Barry (BARRY; CONNOLLY, 1985; BARRY, 2005c, 2005d). A escolha deste autor se deve a sua contribuição ao longo das cinco últimas décadas, como pesquisador, ensaísta e orientador espiritual profundamente inserido nos problemas da vida espiritual contemporânea, oferecendo sua reflexão, estudo e prática para uma melhor compreensão da espiritualidade cristã e do ministério da orientação espiritual. Sua obra reflete também a renovação desejada e proposta pelo Concílio Vaticano II.

William A. Barry nasceu em 1930, nos Estados Unidos, entrou na Companhia de Jesus em 1950, foi ordenado presbítero em 1962, doutorou-se em psicologia clínica em 1968. Na Companhia de Jesus desempenhou diversas ocupações, foi professor de psicologia e psicologia

clínica, foi diretor do *Center for Religious Development*, ocupou-se da formação de jesuítas, foi provincial, foi diretor do centro de retiros *Campion Renewal Center*, onde atualmente reside¹.

Padre Barry publicou regularmente na *Review for Religious*², periódico da província jesuítica de Missouri, nos Estados Unidos. Nesses artigos podemos acompanhar seu percurso como pesquisador e ensaísta. Seus artigos versam sobre orientação espiritual (BARRY, 1976; BARRY; GUY, 1978); o discernimento espiritual (BARRY, 1990c, 1991c, 2003a); os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola (BARRY, 1973a, 1973b, 1978, 1989e, 1991a); a vida comunitária na vida religiosa (BARRY, 1985c); o perdão e sua dinâmica na vida espiritual (BARRY, 1986d); cultura e espiritualidade (BARRY, 1995b).

William Barry publicou também com regularidade, no período de 1985-2012, na *Human Development Magazine*³ (BARRY, 1985b, 1986b, 1986c, 1986a, 1987b, 1987c, 1987e, 1988c, 1988b, 1988a, 1989d, 1989a, 1989b, 1990a; BARRY et al., 1990; BARRY, 1991b, 1992b, 1992a, 1999a, 2002, 2003b, 2004; THORP; BARRY, 2004; BARRY, 2005a, 2005b, 2005e, 2006b, 2006a, 2007c, 2007d, 2007a, 2007b, 2008d, 2008c, 2008a, 2009a, 2011b, 2012b). Nesses artigos sua expertise como psicólogo e orientador espiritual traz importante contribuição para a compreensão da dinâmica da orientação espiritual.

Especial destaque merece a série de artigos sobre o fenômeno da resistência a Deus na vida espiritual (BARRY, 1985d, 1985a, 1987d, 1987a, 1989c). E, por outro lado, o tema da amizade é explicitado com regularidade nos últimos anos nas publicações de Barry (BARRY, 2007a, 2007b, 2008b, 2008d, 2009b, 2011a, 2012a).

William Barry publicou mais de vinte livros sobre espiritualidade cristã, sendo traduzido em diversos idiomas, alguns foram publicados no Brasil (BARRY; CONNOLLY, 1985; BARRY, 1994b, 1995a, 1996a, 1996b, 1997b, 2000, 2005c, 2005d; BARRY; DOHERTY, 2005), e alguns permanecem inéditos em nosso País (BARRY, 1990b; BARRY; MALONEY, 1991; BARRY, 1994a, 1997a, 1999b, 2001, 2003c, 2008b, 2009b, 2011a, 2012a).

¹ Informações disponíveis em: <http://academics.holycross.edu/library-archives/jesuit/provincials/barry>

² A coleção completa da revista (1942-2012) está disponível para *download* em: <http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>

³ Site da revista: <http://www.hdmag.org/>

O interesse pela contribuição de William Barry no campo da orientação espiritual é por sua visão ampla, eclesial e trinitária do ministério da orientação espiritual que pode ser sintetizado em sua própria afirmação:

A direção espiritual ajuda as pessoas a darem atenção e a partilharem com outro membro da comunidade experiências de Deus e, nesse processo, aprenderem a discernir o que é autenticamente de Deus do que não é. Dessa maneira, também aprendem a falar de suas experiências de Deus com outros membros da comunidade. O ministério da direção espiritual é, assim, formativo da comunidade religiosa que Deus deseja. (BARRY, 2005d, p. 112)

2 O Livro de Rute

2.1 Características do Livro de Rute

O *Livro de Rute* ambienta-se numa sociedade rural, de características tribais, no período anterior ao surgimento da monarquia em Israel. O introito do livro nos remete ao período dos juízes: “No tempo em que os Juízes governavam...” (Rt 1, 1). No entanto, os especialistas, em sua maioria, datam o *Livro de Rute* no período pós-exílico, em torno do ano 450 a. C., aproximadamente 100 anos após o fim do cativeiro da Babilônia (597 – 538 a. C.), no período das reformas de Esdras e Neemias (SLOTKI, 1968, p. 37; MESTERS, 2003, p. 12-13; GASS, 2004, p. 188; LACOCQUE, 2004, p. 11-40; LOPES, 2005; LEVINSON, 2011, p. 52-61; TEZZA; TOSELI, 2013). A tradição judaica indica a autoria de Samuel (SLOTKI, 1968, p. 37; BRONNER, 2002; WASSERMAN, 2009, p. 1)

A canonicidade do *Livro de Rute* é indiscutível desde a antiguidade, seja para a comunidade judaica (SLOTKI, 1968; WASSERMAN, 2009), como para a cristã (LACOCQUE, 2004, p. 25; LOPES, 2005; ASSAN-DHOTE; MOATTI-FINE, 2009, p. 17). Há, porém, variações de localização nos diferentes agrupamentos dos livros nos cânones judaicos e cristãos (KONINGS, 2010, p. 18-20).

Na *Bíblia Hebraica (Tanakh)*, o *Livro de Rute* figura nos *Ketubim*, ou *Escritos*, fazendo parte dos cinco rolos litúrgicos festivos (*megillot*), juntamente com *Cântico dos Cânticos*, *Eclesiastes*, *Lamentações* e *Ester* (SLOTKI, 1968, p. 36; MENA LÓPEZ, 2013). Na *Septuaginta*, o *Livro de Rute* é situado nos *Livros históricos*, entre *Juízes* e *1º Reis* (que equivale a *1º Samuel*) (ASSAN-DHOTE; MOATTI-FINE, 2009, p. 17-26; KONINGS, 2010, p. 19).

O uso litúrgico do *Livro de Rute* na tradição judaica é feito na festa de *Shavu'ot*, ou *Pentecostes*, celebrada sete semanas após *Pessach* (SLOTKI, 1968, p. 36; DI SANTE, 2004, p. 221-222; ALANATI, 2008; ASSAN-DHOTE; MOATTI-FINE, 2009, p. 26-28; SASSI, 2013, p. 31-32). Esta festa é prevista em Deuteronômio (16,9-12). Há diversas razões para a leitura do *Livro de Rute* nesta celebração litúrgica: Rute e Noemi chegaram em Belém no início da colheita de cevada (Rt 1, 22), na época da festa das primícias; Rute aceitou a *Torá*, outro tema da festa; Rute foi ancestral do Rei Davi, que, segundo a tradição judaica, nasceu e faleceu no período dessa festividade (DI SANTE, 2004; ALANATI, 2008; SASSI, 2013, p. 31-32).

Na liturgia cristã, registra-se o uso no *Lecionário ferial*, da Igreja Católica e no *Lecionário Comum Revisado*⁴, das igrejas cristãs reformadas. O *Lecionário ferial* prescreve a leitura de Rt 1, 1-2a.3-6.14b-16.22 e de Rt 2, 1-3.8-11; 4, 13-17 (*Missal cotidiano*, 1995, p. 1182-1183, 1187-1188; SASSI, 2013, p. 37). O *Lecionário Comum Revisado* indica as leituras de Rt 1,1-18 e Rt 3,1-5; 4:13-17 (HOWELL, 1997; KING, 1998; MANN, 2010; MOORE-KEISH, 2010; TATE, 2010).

2.2 Estudos e abordagens do Livro de Rute

O *Livro de Rute* motivou diferentes análises, interpretações, comentários e meditações ao longo dos séculos. O que se apresenta a seguir é um apanhado de leituras, privilegiando publicações recentes em português. Na busca de textos para dar base à presente monografia, foram identificados alguns textos que são aqui apresentados à guisa de revisão de literatura.

A visão judaica do *Livro de Rute* pode ser apreciada nas obras de Slotki (1968), Bronner (2002), Ozick (2002), Alanati (2008) e Wasserman (2009). Um exemplo de interpretação alegórica do *Livro de Rute* são as obras de dois discípulos de Alcuíno de Iorque (735–804), do período do Renascimento Carolíngio: Raban Maur (780–856) e Claudio de Turim (fim do séc. VIII – c. 827) (MAUR, 2009; TURIN, 2009). Divo Barsotti (1914-2006), teólogo e místico italiano, apresenta uma exegese espiritual do *Livro de Rute* em que destaca a universalidade da salvação e a experiência de Deus que Rute realiza (BARSOTTI, 1999). Florence e Thierry Mathieu apresentam uma leitura de cunho místico, ligando tradições judaicas e espiritualidade carmelita (MATHIEU; MATHIEU, 2014).

As interpretações mais recentes do *Livro de Rute* seguem o método histórico-crítico (MORRIS, 1986; LACOCQUE, 2004; PRADO, 2008; FERNANDES, 2012). Algumas abordagens se destacam: a abordagem da libertação (MESTERS, 1994; LOPES, 1997; MESTERS, 2003; BLANCO ARELLANO, 2007; OCAÑA, 2007; MESTERS, 2009); a abordagem feminista (BRENNER, 2002; DUQUE; PULGA, 2008; FISCHER, 2008 p. 205-229; CASTRO, 2012; ÁLVAREZ BENJUMEA, 2013; SASSI, 2013; TEZZA; TOSELI, 2013); a abordagem antropológica e socioantropológica (BLANCO ARELLANO, 2007; SILVA, 2008). Há também exemplos de análise literária da obra em questão, como a análise do discurso

⁴ *Revised Common Lectionary*. Disponível em: <http://lectionary.library.vanderbilt.edu/>

(GRACIA, 2012), e a análise narrativa (WÉNIN, 1998; VITÓRIO, 2008; FERNANDES, 2012).

2.3 Estrutura da narrativa

A organização do texto é simples, tendo uma estrutura concêntrica (WÉNIN, 1998, p. 7-8; MESTERS, 2003, p. 22; LACOCQUE, 2004, p. 25).

FERNANDES (2012, p. 23-25) compendia a organização do *Livro de Rute* em três partes: uma introdução (Rt 1, 1-5); um corpo (Rt 1, 6 - 4, 12); uma conclusão (Rt 4, 13-22).

Este autor ressalta:

O corpo do livro transcorre em torno de decisões, de diálogos, de ações e de reações que movimentam a trama narrativa que vai evoluindo, de forma moderada e lenta, nas unidades ou episódios em cada capítulo, até atingir um final desejado. (FERNANDES, 2012, p. 23)

A partir dos autores acima mencionados, apresenta-se abaixo um quadro sinótico do *Livro de Rute*.

Quadro 1 – Estrutura do Livro de Rute

PARTES	TEMAS	VERSÍCULOS
INTRODUÇÃO	QUADRO INICIAL	1, 1-5
	Elimelec, Noemi e seus filhos deixam Judá para morar em Moab	1, 1-2
	Morte de Elimelec	1, 3
	Casamento de Maalon e Quelion, com Rute e Orfa	1, 4
	Morte de Maalon e Quelion	1,5
SEÇÃO I	O RETORNO	1, 6-18
	Noemi decide voltar para Belém	1, 6-7
	Noemi diz para Orfa e Rute retornarem a seu povo	1, 8-13
	Orfa retorna para seu povo	1, 14-15
	Cântico de Rute	1, 16-17
	Noemi e Rute seguem para Belém	1, 18
<i>Transição</i>	<i>Chegada a Belém</i>	1, 19-22
SEÇÃO II	RUTE E BOOZ	2, 1-17
	Booz é introduzido na história	2, 1
	Rute vai respigar nos campos de Booz	2, 2-3
	Conversa de Booz com os segadores	2, 4-7
	Booz conversa com Rute	2, 8-13
	Rute encontra com Booz à mesa de refeição	2, 14-17
<i>Transição</i>	<i>Diálogo de Rute e Noemi</i>	2, 18-23
SEÇÃO III	ESTRATÉGIA DE CONQUISTA	3, 1-15
	O plano de Noemi	3.1-5
	Booz adormecido	3, 6-8
	Diálogo de Rute e Booz	3, 9-15
<i>Transição</i>	<i>Diálogo de Rute e Noemi</i>	3, 16-18
SEÇÃO IV	QUESTÃO LEGAL: O DIREITO DE RESGATE	4, 1-12
	Booz apresenta a questão do resgate de Rute	4.1-2
	Condições do resgate	4, 3-6
	Acordo final do resgate	4, 7-12
<i>Desfecho</i>	<i>Casamento de Rute e Booz, nascimento de Obed</i>	4, 13-17
EPÍLOGO	GENEALOGIA DE DAVI	4, 18-20

Este trabalho pretende analisar os diálogos entre Rute e Noemi à luz da dinâmica da orientação espiritual. É de especial interesse para este fim os diálogos presentes nos capítulos dois e três.

O capítulo dois “gira em torno dos diálogos que transcorrem de forma simétrica, tendo ao centro o diálogo entre Booz e Rute” (FERNANDES, 2012, p. 23). O capítulo três

apresenta estrutura simétrica e apresenta a articulação de diálogos entre Noemi, Rute e Booz (FERNANDES, 2012, p. 23).

2.4 Pessoas da trama

A forma de uso dos nomes próprios no *Livro de Rute* é única na Bíblia, possuindo sentido simbólico na estrutura da trama (MESTERS, 1994, p. 23; MESTERS, 2003, p. 21; LACOCQUE, 2004, p. 46). A grafia dos nomes aqui apresentados toma-se da Bíblia de Jerusalém, acrescentam-se variações oriundas da tradução de Wasserman (2009).

O núcleo familiar de Noemi é composto por ela, seu esposo Elimelec e seus filhos Maalon e Quelion. A esse núcleo agregam-se Rute e Orfa, moabitas que se casam com Maalon e Quelion, respectivamente. No desenrolar da trama agregam-se dois novos personagens do clã de Elimelec: Booz e um inominado. Rute e Booz geram Obed que dará continuidade ao nome de Elimelec.

Grupos de pessoas complementam o elenco da narrativa: as mulheres de Belém (Rt 1, 19; 4, 14), o feitor dos segadores de Booz (Rt 2, 5-7), os servos de Booz (Rt 2, 4-16), os anciãos de Belém (Rt 4, 2-12), o povo de Belém (4, 4.8.10.11). São citados também personagens bíblicos usados para enaltecer a união de Rute com Booz: Raquel, Lia, Faré, Tamar (Rt 4, 11-12). Por fim, os antepassados de Booz e sua posteridade, até o rei Davi, são apresentados no final do livro (Rt 4, 18-21).

Quadro 2 – Nomes dos personagens e seus significados

NOME	VARIAÇÕES	POSIÇÃO NA TRAMA	OCORRÊNCIAS (RT)	SIGNIFICADO
ELIMELEC	Elimelech Elimeleque	Belemita. Marido de Noemi. Pai de Maalon e Quelion.	1, 2-3; 2, 1; 4,3; 4, 9	Meu Deus é rei.
NOEMI	Naomi	Belemita. Esposa de Elimelec. Mãe de Maalon e Quelion. Sogra de Rute e Orfa. Avó de Obed.	1, 2 ⁵	Minha alegria, minha doçura, meu prazer, agradável.
MARA	Mará	Outro nome de Noemi.	1, 20	Amarga.
MAALON	Machlon	Belemita. Filho de Noemi e Elimeleque. Irmão de Quelion. Esposo de Rute	1, 2; 1,5; 4, 9-10	Doença, enfermidade.
QUELION	Kilion	Belemita. Filho de Noemi e Elimeleque. Irmão de Maalon. Esposo de Orfa.	1, 2; 1,5; 4, 9	Fragilidade, desfalecido.
ORFA	Orpá	Moabita. Nora de Noemi e Elimeleque. Viúva de Quelion.	1, 4; 1, 14	A que dá as costas, nuca.
RUTE	Ruth	Moabita. Nora de Noemi e Elimeleque. Viúva de Maalon, esposa de Booz. Mãe de Obed.	1, 4 ⁶	Amiga, companheira, saciada.
BOOZ	Boaz	Belemita, do clã de Elimelec. Esposo de Rute. Pai de Obed.	2, 1 ⁷	Pela força.
“FULANO”	Ploni, almoni, Tov	Belemita, do clã de Elimelec. Primeiro detentor do direito de resgate.	4, 1-8	
OBED	Oved, Jobed	Belemita, filho de Rute e Booz. Neto de Noemi. Pai de Jessé. Avô de Davi.	4, 13-17	Servo.

2.5 Normas e preceitos vitalizados

A letra morta da lei é vitalizada pelo Espírito da Lei. No *Livro de Rute* encontram-se situações em que a norma ou o costume são revistos a partir de uma hermenêutica da

⁵ Primeira ocorrência. Está presente em todos os capítulos.

⁶ Primeira ocorrência. Está presente em todos os capítulos.

⁷ Primeira ocorrência. Está presente nos capítulos 2, 3 e 4.

misericórdia. Alguns impasses são solucionados recorrendo-se a uma interpretação amplificadora da lei. Na compreensão de André Lacocque, o método hermenêutico adotado pelos protagonistas do *Livro de Rute*, notadamente por Noemi e Booz, “comporta uma incidência teológica de primeira ordem que pode ser resumida como: Deus é maior que a sua Lei” (LACOCQUE, 2004, p. 34).

O termo central no *Livro de Rute* é *hésed*, no sentido de uma abertura sobre uma interpretação da Lei que ultrapassa a letra (LACOCQUE, 2004, p. 34). *Hésed* e *rahamim* são termos hebraicos usados na acepção de misericórdia. *Hésed* é assim conceituada:

Hésed designa de per si a piedade, relação que une dois seres e implica fidelidade. Com isso a misericórdia recebe uma base sólida: não é mais simplesmente o eco de um instinto de bondade, que pode enganar-se quanto ao seu objeto e à sua natureza, mas uma bondade consciente, intencional; é até resposta a um dever interior, fidelidade a si próprio.

(CAMBIER; LÉON-DUFOUR, 2013)

O *Livro de Rute* trata deste modo de interpretar a lei. Recorre-se à norma, como um direito, e sua aplicação é feita com compaixão e amor. As estratégias interpretativas propostas pelos personagens principais no *Livro de Rute* trazem vitalidade e misericórdia aos preceitos. Neste ponto convém citar Levinson:

Se o cânon literário fechado como o repositório da revelação ou discernimento é a fonte de estabilidade para uma tradição religiosa, a exegese provê vitalidade. Por *exegese* ou *hermenêutica* quero dizer o conjunto de estratégias interpretativas destinado a estender a aplicação de um determinado cânon à vida como um todo, até mesmo às circunstâncias originalmente não contempladas pelo próprio cânon. (LEVINSON, 2011, p. 37)

Os preceitos e costumes que são apresentados e aplicados numa ótica de amor e compaixão são o levirato, o resgate de propriedades, a respiga, a exclusão dos moabitas da comunidade, a proibição de casamento com estrangeiras, a situação de desamparo das viúvas.

Essa hermenêutica da misericórdia se fazia urgente e necessária dado o quadro em que se encontrava o povo no período pós-exílico, particularmente o período de Esdras e Neemias: pobres explorados (Ne 5, 1-5); emigração por conta da seca e da falta de recursos (Rt 1, 1).

2.5.1 Lei do levirato

O preceito do levirato é apresentado em Dt 25, 5-10:

Quando dois irmãos moram juntos e um deles morre, sem deixar filhos, a mulher do morto não sairá para casar-se com um estranho à família; seu cunhado virá até ela e a tomará, cumprindo seu dever de cunhado. O primogênito que ela der à luz tomará o nome do irmão morto, para que o nome deste não se apague em Israel.

A finalidade principal deste preceito era garantir a inalienabilidade dos bens do clã e fazer com que o nome do falecido não fosse cortado do “portão de seu lugar” (MESTERS, 2003, p. 49; WASSERMAN, 2009, p. 57).

Noemi fará alusão a este preceito em Rt 1, 12-13, ao dizer-se velha demais para gerar filhos que pudessem cumprir o levirato. Booz fará valer este mandamento ao resgatar o terreno do clã e atrelar este resgate ao casamento de levirato devido a Rute (Rt 4,5).

2.5.2 Lei do resgate das propriedades

O preceito do resgate das propriedades, o goelato, é apresentado em Lv 25, 23-25:

A terra não será vendida perpetuamente, pois que a terra me pertence e vós sois para mim estrangeiros e hóspedes. Para toda propriedade que possuídes, estabelecereis o direito de resgate para a terra. Se o teu irmão cair na pobreza e tiver de vender algo do seu patrimônio, o seu parente mais próximo virá a ele, a fim de exercer seus direitos de família sobre aquilo que vende o seu irmão.

Quando alguém por necessidade financeira vendia sua propriedade, um parente próximo deveria comprá-la de volta, resgatá-la, não para si, mas para seu parente pobre que perderia o seu bem (MESTERS, 2003, p. 47-48).

2.5.3 Respiga

O direito de respigar, ou seja, apanhar no campo as espigas que ali ficaram após a colheita, é um preceito sociorreligioso importante no ordenamento jurídico que visa uma sociedade sem excluídos e sem empobrecidos.

Os mandamentos (*mitvot*) relativos à colheita, oriundos de Lv 19, 9-10; Lv 23, 22, Dt 24, 19-22 são três: *leket*, *peá*, *shich'cha* (WASSERMAN, 2009, p. 22).

- a) **Leket**: Deixar o que caiu durante a colheita para os pobres. (Lv 19, 10)
- b) **Peá**: Deixar um canto do campo sem colher para os pobres. (Lv 19, 9)
- c) **Shich'cha**: Deixar o feixe esquecido durante a colheita para os pobres. Após a colheita, os ramos são amarrados em feixes e levados a um celeiro. Se um feixe foi esquecido no campo, é proibido voltar para apanhá-lo. (Dt 24, 19)

Este preceito será a base da subsistência de Rute e Noemi nos primeiros meses após o retorno a Belém (Rt 2,2-23).

2.5.4 Exclusão dos moabitas da comunidade

A exclusão dos moabitas, bem como dos amonitas, da comunidade está prescrita em Dt 23, 4-5:

O amonita e o moabita não poderão entrar na assembleia de Iahweh; e mesmo seus descendentes também não poderão entrar na assembleia de Iahweh até à décima geração, para sempre; isso porque não foram ao vosso encontro com pão e água quando caminháveis após a saída do Egito, e porque assalariaram a Balaão, filho de Beor, de Petor em Aram Naaraim, para que te amaldiçoasse.

Esta situação de apartamento do projeto salvífico em que se encontram os moabitas e o modelo de fidelidade e generosidade de Rute é contrastado pela constante recordação ao longo do *Livro de Rute* de que ela é moabita (Rt 1, 22; 2, 2. 6. 21; 4, 5. 10).

2.5.5 Proibição de casamento com estrangeiras

Os casamentos com estrangeiras provocavam uma mistura de costumes que tendia a uma perda da identidade judaica (MESTERS, 1994, p. 22). Neemias e Esdras reagem com rigorismo legal, a ponto de fazer romper os casamentos com estrangeiras. Estas disposições são descritas com detalhes nos capítulos 9 e 10 do Livro de Esdras, como comenta Mesters (1994, p. 23):

Como reação, Neemias e Esdras propunham uma volta à “grande disciplina”. Eles convidavam o povo a separar-se dos outros povos pela observância estrita da lei, pela celebração fiel do culto, centrada em torno do templo de Jerusalém, e pela preservação da pureza da raça (Ne 9,2; 10, 29-32; Esd 9, 1-3; 10, 2-4). Por isso a mulher estrangeira era expulsa como perigosa (cf. Esd 9, 1-2; 10, 1-3). Além disso a lei da pureza era causa de uma marginalização crescente na mulher como impura (cf. Lv 15, 19-30; 12, 1-8).

Essas disposições contrariam o que em Deuteronômio (21, 10-14) é permitido:

Quando saíres para guerrear contra os teus inimigos, e Iahweh teu Deus os entregar em tua mão, e tiveres feito prisioneiros, caso vejas entre eles uma mulher formosa e te enamores dela, tu a poderás tomar como mulher e trazê-la para tua casa. Ela então raspará a cabeça, cortará as unhas, despirá a veste de prisioneira e permanecerá em tua casa. Durante um mês ela chorará seu pai e sua mãe. Depois disso irás a ela, desposá-la-ás, e ela será tua mulher. Mais tarde, caso não gostes mais dela, tu a deixarás ir em liberdade, mas de modo algum a venderás por dinheiro: não tirarás lucro à sua custa, após ter abusado dela.

Deste modo, a reforma de Esdras-Neemias faz com que a pertença ao povo eleito e amado por Deus não seja fruto da conversão do coração e adesão filial à Lei; mas torna-se condicionado pela etnia e legalismos estéreis. Distanciam-se do Espírito da Lei.

2.5.6 Situação das viúvas

A situação apresentada no *Livro de Rute* é de três viúvas sem descendência (Rt 1, 1-5). Nada, nem ninguém as protege, somente Deus, não há status jurídico para elas (BARSOTTI, 1999, p. 26; FERNANDES, 2012, p. 91-95; SANDEVOIR, 2013). Numa comunidade em que prevaleça o Espírito da Lei, a proteção estava garantida; mas em condições

de legalismos estéreis sua situação poderia ser precária. A viúva faz parte das minorias vulneráveis, juntamente com os estrangeiros e órfãos (FRIZZO, 2010b, 2010a, 2011; SANDEVOIR, 2013). Essas minorias vulneráveis são objeto de uma proteção especial da Lei (Ex 22, 20-23; Dt 14, 28-29; 24, 17-22).

2.6 O Livro de Rute na arte

O *Livro de Rute* é, em si mesmo, uma obra de arte no campo da literatura (WÉNIN, 1998, p. 5; BARSOTTI, 1999, p. 21; MESTERS, 2003, p. 7; LINA FELT, 2010). Linafelt (2010) ressalta que, apesar do *Livro de Rute* ser majoritariamente prosa narrativa, dois fragmentos são apresentados em forma de poesia: o Cântico de Rute (Rt 1, 16-17) e a lamentação de Noemi (Rt 1, 20-21).

O diálogo da Arte com a Sagrada Escritura provocou a imaginação criadora de pintores, poetas, escritores, músicos, autores de teatro e de cinema. A beleza do *Livro de Rute* foi recepcionada por artistas que o interpretaram esteticamente por meio de diferentes linguagens.

Na música, destacam-se dois oratórios e duas óperas: *Ruth*, oratório de 1867, do compositor alemão Otto Goldschmidt (1829–1907); *Ruth*, oratório de 1908, do compositor alemão Georg Schumann (1866–1952); *Ruth*, ópera de 1949, do compositor judeu-lituano Joseph Rumshinsky (1881–1956); *Ruth*, ópera de 1956, do compositor inglês Lennox Berkeley (1903–1989). Essas quatro obras foram analisadas por LENEMAN (2010) que enfatiza o tratamento dramático e musical dado ao relacionamento de Noemi e Rute. Em forma de canção, o *Cântico de Rute* (Rt 1, 16-17) foi musicado pelo mosteiro beneditino de Weston (Vermont, Estados Unidos) em 1972, com o título *Wherever you go*.

Nas artes plásticas, destacam-se alguns artistas, dentre muitos, que ao longo dos séculos recepcionaram esteticamente o *Livro de Rute*, criando ilustrações a partir de cenas da narrativa: *O verão*, ou *Rute e Booz* (1660-1664), pintura de Nicolas Poussin (1594–1665); *Noemi e suas noras* (c.1804), de George Dawe (1781–1829); *Rute nos campos de Booz* (1828), de Julius Schnorr von Carolsfeld (1794–1872); *Rute e Booz* (c.1835–1837), de George Frederic Watts (1817–1904); tríptico com cenas de Rute, Noemi, Booz e Obed (1876-1877), de Thomas Matthews Rooke (1842–1942); *Rute e Booz* (1879), de Edward Coley Burne-Jones (1833–1898).

Destacam-se ainda quatro ilustradores de edições da Bíblia: Brailes, Doré, Dalí e Chagall. William de Brailes (séc. XIII) realizou quatro iluminuras para o *Livro de Rute*: o encontro de Rute e Booz no campo, Rute aos pés de Booz, Booz reivindica o resgate de Rute na porta da cidade e o nascimento de Obed. Gustave Doré (1832-1883), dedicou duas gravuras para o *Livro de Rute*: Noemi e suas noras e Booz e Rute. Salvador Dalí (1904 – 1989), dedicou uma litografia a Rute, intitulada *Familia Ruth Moabitidis* (1964). Marc Chagall (1887-1985), em suas ilustrações para a Bíblia Hebraica, realizou quatro litogravuras coloridas retratando diferentes cenas do *Livro de Rute*.

Na poesia, Victor Hugo (1802–1885) trouxe a figura de Booz adormecido na eira (Rt 3,7) em seu poema *Booz endormi*, de 1859, publicado em seu livro *La légende des siècles* (HUGO, 1950). Digno de nota é um texto de Cynthia Ozick (OZICK, 2002), escritora judia-americana, onde ela mescla reminiscência familiares com uma interpretação do *Livro de Rute*.

No cinema, tem-se a representação romanceada em *A História de Ruth* (KOSTER, 1960). Breves alusões são feitas em *Tomates verdes fritos*⁸ e em *A missão do gerente de recursos humanos*⁹.

A arte permite-nos uma aproximação estética do Mistério, tornando nova e atual a recepção do texto sagrado. Na expressão de João Paulo II (1999):

Para todos, crentes ou não, as realizações artísticas inspiradas na Sagrada Escritura permanecem um reflexo do mistério insondável que abraça e habita o mundo.

A partir de uma estética literária refinada e de recepção universal, o *Livro de Rute* foi cativa seus leitores, tornando palatável a proposição de procedimentos tão pouco comuns para o pensamento oficial da época. As representações artísticas deste livro sagrado demonstram sua capacidade de sensibilizar e encantar as gerações através dos séculos, sendo fonte de inspiração para realizações artísticas de valor perene. Do ponto de vista pastoral e didático, no âmbito da orientação espiritual, pode-se tomar essas mesmas representações artísticas para aproximar o leitor moderno da Revelação contida no *Livro de Rute*, despertando seu interesse e gosto pela Palavra de Deus.

⁸ *Fried Green Tomatoes* (Tomates verdes fritos). Estados Unidos: 1991. Direção: Jon Avnet. O pedido de socorro de uma das protagonistas é feito por meio do envio de uma página da Bíblia contendo o *Cântico de Rute* (Rt 1, 16-17).

⁹ *The Human Resources Manager* (A missão do gerente de recursos humanos). Israel, Alemanha, França, Romênia: 2010. Direção: Eran Riklis. Uma estrangeira fixa residência em Jerusalém e recebe o nome de Rute. “Este é o nome hebraico que as mulheres da vila lhe deram. – Rute.”

3 Interações dialógicas no Livro de Rute

As interações dialógicas dos diversos personagens do *Livro de Rute*, sobretudo os diálogos entre Noemi e Rute são tomados como pistas para compreender a dinâmica da orientação espiritual.

Entende-se que as atitudes, decisões e convicções de Noemi, Rute e Booz são orientadas pelas interações dialógicas ocorridas ao longo da trama. Essas interações os capacitam a compreender a realidade à luz da Palavra de Deus, fortalecendo-os na solidariedade entre si e na aliança com Deus.

Deste modo, o interesse desta análise é verificar como as interações dialógicas no âmbito da orientação espiritual proporcionam aos sujeitos sociais, uma tomada de consciência da realidade concreta que os entorna e os capacitam para refletir esta realidade a partir da vontade de Deus, percebida na vida e na oração.

Na dinâmica da orientação espiritual a linguagem é fundamental para que se efetivem os relatos de experiência entre a pessoa orante e a Trindade e da pessoa orante com o ministro, ou ministra, da orientação espiritual. Neste aspecto, convém citar William Barry e William Connolly:

[...] a tradição cristã, através dos séculos, tem-se mantida aberta à experiência de Deus e estimulado relacionamentos dialógicos que podem resultar dessa experiência. [...] Os *Exercícios Espirituais*, baseados na convicção de que Deus pode e deseja ser conhecido através de diálogos, tem exemplificado para muitas gerações a aceitação da tradição cristã da experiência e do encorajamento do diálogo com Deus. Os *Exercícios* também nos manifestam a convicção de que conversar sobre a própria experiência desse diálogo com um diretor espiritual pode ser útil ao desenvolvimento do relacionamento dialógico. (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 40)

Nesta análise, destacam-se os seguintes momentos da narrativa:

- I. Diálogo entre Noemi e suas noras (Rt 1, 8-15)
- II. Cântico de Rute (Rt 1, 16-17)
- III. Diálogo das mulheres de Belém com Noemi (Rt 1, 19-21)
- IV. Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 2, 2)
- V. Diálogo entre Rute e Booz (Rt 2, 8-15)
- VI. Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 2, 18-22)
- VII. Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 3, 1-5)
- VIII. Diálogo entre Rute e Booz (Rt 3, 9-15)

- IX. Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 3, 16-18)
- X. Diálogo entre Booz e aquele que tinha o direito de resgate (Rt 4, 1-8)
- XI. Diálogo de Booz com a comunidade (Rt 4, 9-12)
- XII. Diálogo das mulheres de Belém com Noemi (Rt 4, 14-17)

3.1 Diálogo entre Noemi e suas noras (Rt 1, 8-15)

Noemi migra de Belém para Moab, com seu marido e seus dois filhos. Após a morte de seu marido, os seus dois filhos contraem núpcias com moabitas. Morrem os filhos de Noemi, sem deixar progeneritura. Noemi se vê agora em terra estrangeira, viúva, com suas duas noras viúvas e sem descendência (Rt 1, 1-5). Noemi empreende sua volta a Belém. Despede-se de Rute e Orfa, suas noras, rogando-lhes que busquem segurança em suas famílias e consigam novo matrimônio (Rt 1, 6-14).

A situação dessas mulheres é de luto, pobreza, abandono e insegurança. Viúvas, nada, nem ninguém as protege, somente Deus (FERNANDES, 2012, p. 91-95). Estão entregues à própria sorte. Como recorda Divo Barsotti (1999, p. 26), nos tempos antigos a viúva não gozava de nenhum status jurídico.

As conversas de Noemi e suas noras mostram a visão lúcida de Noemi sobre a realidade que as cerca e seu genuíno interesse por suas noras. Ela não fantasia um futuro feliz, não ilude, não faz promessas infundadas. Assim como Noemi reconhece seu luto e o de suas noras, reconhece também sua dependência de Deus. Sua dor – como sua vida – é obra das mãos de Deus (Rt 1, 13). Noemi dá o melhor exemplo que um crente pode dar: abandonar-se nas mãos d’Ele. É relevante, neste contexto, destacar a imagem do deserto na linguagem mística:

Deserto: sugere silêncio, solidão, abandono, vazio. É um lugar simbólico do afastamento para um encontro da pessoa com Deus. É lugar de aridez, de secura, de solidão, de escuta, de purificação, de sofrimento, de tolerância, de discernimento, de deixar o passado para abraçar o novo e a libertação. (SCHROEDER, 2007, p. 90)

É nesta situação existencial que Rute toma a iniciativa dos que se deixam mover pelo amor. Rute irrompe em seu cântico de adesão filial a Noemi e ao Deus de Israel.

3.2 Cântico de Rute (Rt 1, 16-17)

Episódio fundamental para a narrativa, a decisão de Rute, a moabita, de seguir sua sogra Noemi, judaíta, num caminho que se podia supor ser de sofrimento e opróbio. Rute proclama:

Não insistas comigo para que te deixe,
pois para onde fores, irei também,
onde for tua moradia, será também minha;
teu povo será o meu povo,
e teu Deus será meu Deus.
Onde morreres, quero morrer e ser sepultada.
Que Iahweh me mande este castigo
e me acrescente mais este
se outra coisa, a não ser a morte,
me separar de ti!

O *Cântico de Rute* é um projeto de adesão e fidelidade à Deus e à comunidade de fé onde Ele se revela e sua promessa se realiza. Este projeto se efetiva no caminho, na busca da vontade de Deus que é de vida e vida em plenitude (Jo 10,10). Rute adere à fé de Noemi. Tendo-se fé como “entrega confiante e pessoal a Deus” (DUPUIS, 2007, p. 174).

O peregrinar das duas mulheres, rumo a Belém, antecipa a ida de José e Maria à cidade de Davi (Lc 2, 1-7); recorda também os apóstolos no caminho de Emaús (Lc 24, 13-35). Mais ainda, o seguimento de Rute ao Deus de Israel repete e atualiza no feminino o “sai de tua terra” dirigido a Abrão (Gn 12, 1-3). Abrão sai de sua terra, de sua parentela e da casa de seu pai para a terra que Iahweh lhe mostrará. Rute segue esta promessa, tornando-se também ela uma bênção, como Raquel e Lia (Rt 4, 11), fazendo benditos todos os clãs da terra.

O apoio incondicional oferecido por Rute a sua sogra será retomado de forma elogiosa no diálogo com Booz (Rt 2, 11-12), quando ele assim se refere a seus feitos:

Foi-me contado tudo que fizeste por tua sogra após a morte do teu marido, e como deixaste pai e mãe e tua terra natal para vires morar no meio de um povo que antes não conhecias, nem ontem nem anteontem. Que Iahweh te retribua o que fizeste e que recebas uma farta recompensa da parte de Iahweh, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio!

Noemi tentou dissuadir sua nora de seguir com ela, já que nada podia oferecer (Rt 1, 15). Também Etai, o gateu, decide seguir o rei Davi, sabendo dos riscos deste seguimento (2Sm 15, 21-22). Jesus também dissuade os que o querem seguir, lembrando que “as raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8, 20). Rute, Etai e Pedro parecem dar-se conta da mesma realidade: “Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que és o Santo de Deus” (Jo 6, 68-69).

3.3 Diálogo das mulheres de Belém com Noemi (Rt 1, 19-21)

No *Livro de Rute* os grupos de pessoas são a voz da comunidade. Aqui quem faz a voz da cidade em alvoroço são as mulheres (MEYERS, 2000). Ao chegar a Belém, após tantos anos em Moab, Noemi causa agitação na cidade inteira. As mulheres se perguntam: “Essa é

Noemi? ”. A resposta de Noemi é uma lamentação. Sua dor lhe faz querer mudar seu nome de Noemi (doçura), para Mara (amargura). A forma poética deste fragmento (Rt 1, 20-21) confere maior dramaticidade ao texto (LINAFFELT, 2010). Com este lamento temos um retrato da desolação espiritual em que se encontra Noemi.

3.4 Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 2, 2)

Neste trabalho, tomam-se as interações dialógicas entre Noemi e Rute como colóquios inseridos na dinâmica de orientação espiritual. A relação de entre Noemi e Rute, ambas imersas em luto, é de solidariedade, irmandade e cumplicidade (ÁLVAREZ BENJUMEA, 2013, p. 65). Solidariedade na dor; irmandade na luta; cumplicidade na esperança.

Rute pede o consentimento de Noemi para buscar um campo onde respigar, conforme o direito dos pobres, dos estrangeiros e das viúvas (Dt 24, 14). A resposta é curta e objetiva:

Rute, a moabita, disse a Noemi: “Permite que eu vá ao campo respigar atrás daquele que me acolher favoravelmente”. Ela lhe respondeu: “vai, minha filha”. (Rt 2, 2)

Rute irá respigar ciente de seu direito garantido pela Lei que diz:

“Quando estiveres ceifando a colheita em teu campo e esqueceres um feixe, não voltes para pegá-lo: ele é do estrangeiro, do órfão e da viúva, para que Iahweh teu Deus te abençoe em todo trabalho das tuas mãos” (Dt 24, 19).

Rute, poderia já saber desta regra, ela é agora convidada a experimentar a eficácia deste preceito. Em seu caso particular ela tem duas vezes este direito, uma vez que é estrangeira e viúva. Rute faz parte das minorias vulneráveis, é representante da tríade social dos estrangeiros, órfãos e viúvas (FRIZZO, 2010b, 2010a, 2011). A resposta de Noemi, apesar de lacônica, traz a ternura do apelativo “minha filha”. Sua permissão pode ser vista como a de quem confia no Senhor e na maturidade de sua interlocutora. É um envio em missão. Noemi encoraja sua nora na busca dos desígnios de Deus em sua vida. A atitude de encorajamento de Noemi é de quem sabe que o Senhor se revela no cotidiano da vida, nos acontecimentos.

Em contraste com o deserto, aqui Rute vai ao campo de colheita, vai à cata de alimento para si e para sua sogra. Não é um alimento processado, velho; é alimento fresco, ela própria colherá os grãos e preparará o seu pão. Sua ida ao campo reflete sua confiança na providência divina celebrada no salmo 23 (22): “Iahweh é meu pastor, nada me falta” e sua condição de pobre ecoa o salmo 67 (68): “É o pai dos órfãos e o protetor das viúvas, esse Deus que habita num templo santo. ”

Sobressai neste episódio a docilidade de Rute à Lei de Deus e à orientação experiente de Noemi. Toma-se, neste contexto, o entendimento de docilidade conforme explica Giuliano (2003):

A pessoa dócil caracteriza-se pela capacidade – conquistada após longo tempo de exercício – de deixar-se guiar, buscando e acolhendo ensinamentos alheios com facilidade habitual: tal pessoa é, pois, obediente, compreensiva, pacífica, mansa, e por isso agradável.

Após a respiga, Rute trará mais que os grãos colhidos. A matéria própria do diálogo entre a pessoa orante e o ministro, ou ministra, da orientação espiritual, é fruto de sua oração e de sua vida à luz da fé. Esta vivência, quando relatada em clima de confiança e espírito de fé, revela a ação de Deus na vida da pessoa.

3.5 Diálogo entre Rute e Booz (Rt 2, 8-15)

Booz é introduzido como personagem da narrativa no início do capítulo dois (Rt 2,1), os diálogos deste capítulo ocorrem de forma simétrica, tendo ao centro, o diálogo de Booz e Rute (FERNANDES, 2012, p. 23).

Ao chegar ao campo, Booz saúda seus servos e dialoga com o encarregado dos segadores sobre Rute. O encarregado informa de modo positivo sobre Rute que “desde cedo até agora ela não descansou senão um pouco no abrigo” (Rt 2, 7).

No diálogo com Rute, Booz revela seu sincero interesse pelo bem-estar dela e dá mostras de generosidade, garantindo-lhe acolhimento, proteção e saciando sua sede (Rt 2, 8-9).

Rute ao prostrar-se por terra, torna-se grande; é porta-voz dos pequenos e desprotegidos, os prediletos do Senhor. Booz, elogiando a solidariedade e cuidado de Rute para com sua sogra Noemi, profere uma bênção: “Que Iahweh te retribua o que fizeste e que recebas uma farta recompensa da parte de Iahweh, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio!” (Rt 2, 12).

Rute é chamada à refeição e é tratada com desvelo por Booz (Rt 2, 14). Após a refeição, quando Rute retorna à faina, Booz dá a seguinte instrução a seus servos:

Deixai-a respigar também entre os feixes e não a molesteis. E cuidai também que caiam algumas espigas de vossos feixes, e deixai-as para que ela as ajunte e não a censureis. (Rt 2, 15-16)

O que chama a atenção nesta série de atitudes é a generosidade de Booz e a aplicação da Lei com manifestos traços de generosidade. Booz, além de permitir a respiga, dá instruções aos servos que vão muito além do prescrito. O tratamento concedido à moabita é como se fosse de sua parentela empobrecida (Lv 25, 35).

3.6 Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 2, 18-22)

Tendo voltado do campo, cheia de alimentos e de esperança, Rute narra a Noemi, com detalhes, o ocorrido ao longo do dia de respiga. A novidade trazida por Rute, sobre Booz, reaviva a esperança de Noemi. Contrastando com seu lamento ao chegar em Belém (Rt 1, 20-21), Noemi profere uma ação de graças pelos benefícios percebidos (Rt 2, 20-21).

Entre este diálogo e o próximo, o narrador faz transcorrer um período que cobre a colheita da cevada e, após esta, a colheita do trigo (Rt 2, 23). Um tempo suficiente para que os sujeitos envolvidos na situação – Rute, Noemi e Booz – vislumbrem possíveis soluções para a situação vulnerável das viúvas. Esta marcação temporal insere este período de espera e maturação entre as festas da Páscoa e a de Pentecostes. Na Páscoa, celebra-se a colheita da cevada, na primavera; em Pentecostes celebra-se a colheita do trigo, no verão (DI SANTE, 2004, p. 214).

3.7 Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 3, 1-5)

Transcorrido um tempo razoável entre primavera e verão, eis que o narrador apresenta outro diálogo entre as viúvas.

Pela terceira vez Noemi chama sua nora de “minha filha”. Esta forma de tratamento, para referir-se a Rute, já foi utilizada duas vezes por Noemi (Rt 2, 2 e Rt 2, 22) e uma vez por Booz (Rt 2, 8). Esta expressão ocorrerá ainda mais duas vezes nas falas de Booz (Rt 3, 10-11) e duas vezes nas falas de Noemi (Rt 3, 16.18). Neste contexto, a expressão maternal denota uma genuína preocupação com o futuro de sua nora.

De modo estrito, Rute não teria a garantia da aplicação da lei do levirato, a novidade neste momento é estender a obrigação do levirato a alguém que não seja o irmão do falecido. O plano de Noemi, em articulação com Rute, é buscar o cumprimento do levirato por Booz. Para tanto, Noemi instrui sua nora para que se prepare como uma noiva o faria. As sugestões têm aspectos ritualísticos, eróticos e legais. Rute obedece, com uma frase de aderência à vontade do outro: “Farei tudo o que disseste” (Rt 3, 5).

3.8 Diálogo entre Rute e Booz (Rt 3, 9-15)

A descrição da noite é detalhada. O autor, ou autora, deseja nos envolver no clima de cumplicidade, cordialidade e generosidade que envolve o casal. Rute vai até a eira; Booz comeu, bebeu, ficou alegre, foi deitar-se. Rute descobre os pés de Booz e se deita ao lado. Booz

acorda e vê Rute ao seu lado. O diálogo inicia com “Quem és tu?”. O diálogo é rico e cheio de simbologia. Uma cena de promessa nupcial. Booz reconhece no ato de Rute outra atitude de valor e ratifica seu status de mulher virtuosa. Surge uma peripécia a ser resolvida na trama: a existência de um outro parente com precedência no resgate. Booz, porém, afirma sua promessa: “eu te resgatarei; juro pela vida de Iahweh!” (Rt 3, 13).

3.9 Diálogo entre Rute e Noemi (Rt 3, 16-18)

Quando Rute chegou à casa de sua sogra esta lhe perguntou: “Como estás, minha filha?” Rute contou-lhe então tudo o que aquele homem tinha feito por ela. E acrescentou: “Estas seis medidas de cevada, foi ele que me deu, dizendo-me: Não voltarás de mãos vazias para junto de tua sogra.” Noemi lhe disse: “Fica tranquila, minha filha, até saberes como terminará tudo isso; com certeza este homem não descansará enquanto não resolver hoje mesmo esta questão.”

A tradução do v. 16 apresenta variações de interesse para a compreensão do diálogo. Há variações tais “como estás?”, “como foi?”, “como as coisas estão contigo?” ou ainda “quem és?”. Alguns comentários sugerem que a pergunta tem o sentido de “quem és?”, “quanto a ti?”, fazendo alusão ao estado civil de Rute após seu encontro noturno com Booz (WÉNIN, 1998, p. 37-38; LACOCQUE, 2004, p. 106; WASSERMAN, 2009, p. 48). Rute foi indagada do mesmo modo, em outro contexto, por Booz (Rt 3, 9). Na pergunta de Noemi agrega-se um vocativo “minha filha” que deixa claro que a questão tem outra conotação.

Rute não responde diretamente a esta indagação. Não se tratava de uma resposta de sim ou não. Sua narrativa é importante para Noemi compreender o ocorrido e saber até que ponto a situação chegara.

A expressão “Não voltarás de mãos vazias para junto de tua sogra” (Rt 3, 17) faz contraposição à fala de Noemi quando queixou-se: “Parti com as mãos cheias, e Iahweh me reconduz de mãos vazias!” (Rt 1, 21).

Diante deste gesto simbólico e da narrativa dos eventos noturnos, Noemi está confiante que a causa das viúvas estava em boas mãos.

A expressão de asseguramento dita por Noemi para Rute é “fica tranquila” ou ainda “senta-te”. Foi feito tudo o que devia ser feito; resta aguardar o desenrolar dos acontecimentos.

Neste diálogo encerram-se, na narrativa, as falas de Rute e Noemi. Elas serão referidas nos próximos eventos na terceira pessoa.

3.10 Diálogo entre Booz e aquele que tinha o direito de resgate (Rt 4, 1-8)

Booz vai ao encontro do parente que lhe precedia no direito de resgate e expõe a situação, diante dos anciãos na porta da cidade. Booz, no entanto, atrela o resgate ao levirato (Rt 4, 5). Diante do desinteresse do parente inominado, Booz toma para si o cumprimento do resgate e do levirato.

O homem que tinha direito ao resgate é o único parente que não possui nome. É tratado de fulano. Aquele que se negou a “perpetuar o nome do morto” (Rt 4, 5) não merece ter o nome lembrado.

3.11 Diálogo de Booz com os anciãos (Rt 4, 2.9-12)

Booz convidou dez anciãos para testemunharem a transação a ser realizada entre ele e o parente que tinha precedência no direito de resgate. Ao fim do exposto, diante da negativa daquele que detinha o direito de resgate, Booz declara solenemente:

Sois testemunhas hoje de que comprei da mão de Noemi tudo o que pertencia a Elimelec e tudo o que pertencia a Quelion e a Maalon; ao mesmo tempo adquiero por mulher Rute, a moabita, viúva de Maalon, para perpetuar o nome do falecido sobre sua herança e para que o nome do falecido não desapareça do meio de seus irmãos nem da porta de sua cidade. Disso sois testemunhas hoje. (Rt 4, 9-10)

Não menos solene e com impreciação de três bênçãos é a saudação do povo junto com os anciãos da cidade:

Nós somos testemunhas! Que Iahweh torne essa mulher que entra em tua casa semelhante a Raquel e a Lia, que formaram a casa de Israel. Torna-te poderoso em Éfrata adquiere renome em Belém. E que, graças à posteridade que Iahweh te vai dar desta jovem, tua casa seja semelhante à de Farés, que Tamar deu à luz para Judá. (Rt 4, 11-12)

Tendo Booz desposado Rute, nasce-lhes um filho (Rt 4, 13).

3.12 Diálogo das mulheres de Belém com Noemi (Rt 4, 14-15)

O coro das mulheres de Belém toma voz novamente. Silente desde a chegada de Noemi e Rute (Rt 1, 19). As mulheres bendizem a Deus e alegram-se com Noemi e Rute. O elogio feito a Rute é carregado de gratidão e plenitude: “vale mais do que sete filhos”. Noemi toma o menino e lhe serve de ama. As mulheres dão um nome ao recém-nascido: Obed, pai de Jessé, pai de Davi.

4 A DINÂMICA DA ORIENTAÇÃO ESPIRITUAL NO LIVRO DE RUTE

4.1 Relacionamento entre pessoa orante e o Senhor

No relacionamento da pessoa orante com o Senhor destacam-se alguns pontos de interesse para a orientação espiritual: iniciativa de Deus, relacionamento consciente, resistência a Deus e amizade com Deus.

4.1.1 Deus que se faz presente

No *Livro de Rute* não há referência ao Templo ou a celebrações cultuais; mas está encharcado da presença benevolente de Deus. A ação de Deus é percebida seja nas adversidades (Rt 1, 6), sustentando a esperança (Rt 2, 20); seja no vislumbre de soluções (Rt 3, 18) que apontam para o alegre renascer da vida (Rt 4, 14-16). Deus é o protagonista e sujeito da narrativa.

Ao destacar os protagonistas da dinâmica da orientação espiritual, Barry e Connolly (1985, p. 43-55) assim se expressam:

Direção espiritual é ajuda para o desenvolvimento do relacionamento de alguém com o Senhor. As pessoas mais diretamente envolvidas na direção espiritual são o Senhor, o dirigido e o diretor. O relacionamento entre diretor e dirigido pode ser crucial para o desenvolvimento do relacionamento entre o dirigido e o Senhor, mas este último relacionamento existe anteriormente e independente do primeiro. Diretores não criam relacionamentos entre Deus e seus dirigidos, eles tentam fortalecê-los. (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 43)

O relacionamento entre o orientando e o Senhor existe anteriormente e independente da relação entre o orientando e o orientador.

No *Livro de Rute*, as pessoas se deixam mover pela presença de Deus em suas vidas e nos acontecimentos. A *shekiná*, como habitação e presença de Deus no meio de seu povo (CUNHA, 2009), é percebida na atitude das pessoas e no desenrolar da trama. Noemi retorna a Belém por ter ouvido que “Deus visitou seu povo” (Rt 1, 6). Rute segue sua sogra Noemi declarando-lhe “teu Deus será o meu Deus” (Rt 1, 16). Booz profere bênçãos para seus servos que lhe retribuem de modo igual (Rt 2, 4); abençoa também Rute (Rt 2, 12) cuja resposta bendizente será feita por Noemi (Rt 2, 20). Booz é ainda cumpridor de vários mandamentos (*mitzvot*), permite generosamente a respiga (Rt 2, 15-16), cumpre o goelato e o levirato (Rt 4, 9-10). As bênçãos e o regozijo estão também nos lábios dos anciãos e do povo (Rt 4, 11-12) e

na alegre voz das mulheres da cidade (Rt 4, 14-15). O próprio recém-nascido, Obed, é uma bênção que trará Davi como rei e a promessa do Messias.

Neste trabalho toma-se os diálogos entre Noemi e Rute como pistas da relação entre orientadora e orientanda na dinâmica da orientação espiritual. Rute neste contexto aproxima-se da orientanda, da pessoa orante, que busca a vontade de Deus para sua vida. Noemi é a mulher que fez profunda experiência de Deus e busca fortalecer a relação de Rute com seu Deus, sob cujas asas ela veio buscar refúgio (Rt 2, 12).

4.1.2 Relacionamento consciente

No *Livro de Rute* há, por parte de seus protagonistas, uma declarada consciência da ação de Deus em suas vidas e na história de seu povo. A proposição teológica de grandeza maior, conforme alude LACOCQUE (2004, p. 34-38) é que “Deus é maior que sua Lei”. Segundo este autor o termo central do *Livro de Rute* é *hesed* – misericórdia – que permite uma abertura sobre uma interpretação da Lei que vai além da letra.

No *Livro de Rute*, os mandamentos são seguidos além da letra: seja no campo, na respiga; ou na cidade, no cumprimento do levirato e do resgate. A Lei é obedecida com generosa misericórdia. Uma economia da salvação é proposta, tendo por heroína uma moabita. Uma mulher cujo povo estava impedido de participar das assembleias cultuais (Dt 23, 4-5), preceito que foi retomado “ao pé da letra” por Esdras e Neemias (Ne 13, 1-3). As ações apresentadas na história de Rute contrapõem-se às práticas legalistas de Esdras e Neemias, convidando para uma observância crítica das leis (MESTERS, 1994, p. 22). As medidas disciplinares de Esdras e Neemias conduzem à observância estrita da Lei, à celebração fiel do culto, à observância da pureza étnica. Diante deste quadro, destaca Mesters:

Aos poucos, a pertença ao povo de Deus começava a ser medida não mais pela adesão interior ao objetivo da Lei, mas sim pela observância externa de normas e costumes. A insistência na Lei como valor em si fazia perder de vista a situação concreta do povo, para a qual a Lei tinha sido feita. (MESTERS, 1994, p. 23)

Este quadro em que a adesão a Deus é meramente legalista e ritualística, contrasta com aquela experiência desejada na dinâmica da orientação espiritual que é de um relacionamento amoroso e pessoal. Rute é seduzida e se deixa seduzir pelo Deus de Israel que se revelou no cotidiano familiar, no convívio com sua sogra Noemi: “teu povo será o meu povo e teu Deus será o meu Deus” (Rt 1, 16). Rute adere generosamente aos planos de Deus de modo responsável, solidário e consciente. Esta atitude é fundamental para o crescimento da relação da pessoa orante com o Senhor. Neste aspecto, tomemos um texto de William Barry:

O relacionamento baseia-se nas ações de Deus para estabelecê-lo em seu desejo de que nos tornemos conscientes de que Ele é e deseja ser para nós. Nossa percepção depende de nossa boa vontade para prestar atenção nas ações de Deus ou, pelo menos, nas experiências que possam ser ações de Deus e deixar nossos desejos de Deus serem despertados. (BARRY, 2005c, p. 14)

A consciência de um Deus benigno e cuidador dos pobres é posta nas palavras de Booz: “Que Iahweh te retribua o que fizeste e que recebas uma farta recompensa da parte de Iahweh, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio!” (Rt 2, 12).

4.1.3 Resistência a Deus e imagens de Deus

Nosso relacionamento com Deus é carregado de ambivalência. Desejamos ardentemente a união plena com Deus; mas ao mesmo tempo tememos esta união (BARRY, 2005c, p. 35). Temos em ação a iniciativa de Deus que nos chama, desejamos essa proximidade e ao mesmo tempo tememos esta intimidade (cf. Gn 3, 8-10).

No *Livro de Rute*, temos alguns personagens que – como que em um *duplo* – mostram essa ambiguidade de nossos desejos e ações. O *duplo* é aqui tomado da literatura como “representando os eternos antagonismos humanos e as dicotomias da existência, exacerbadas no contexto contemporâneo” (LAMAS, 2004, p. 44).

A narrativa inicia-se em pares de personagens: Elimelec e Noemi; Maalon e Quelion; Rute e Orfa (Rt 1, 2-4). O redentor é apresentado em forma de duplo: Booz e o fulano (Rt 3, 12). E ainda no elogio que o povo declara a Rute, surge um duplo na figura de Raquel e Lia (Rt 4, 11). Nesses pares há o antagonismo e a ambivalência de nossas formas de nos relacionarmos com Deus.

A saga de Noemi é como toda para dar cumprimento à perpetuidade do nome de seu marido morto. Elimelec sai de Belém; Noemi retorna à cidade. É da mão de Noemi que Booz compra tudo o que pertencia a Elimelec e tudo o que pertencia a Quelion e a Maalon (Rt4,9). Noemi assume para si o castigo que atribui à atitude de seu marido, adotando um nome novo ao chegar a Belém (Rt 1, 20-). Passando a se chamar Mara (amargura) em contraste a Noemi (doçura).

Maalon e Quelion, filhos de Noemi e Elimelec, são os nomes de conotação mais negativa que há na narrativa. Correspondem, respectivamente a doença e fragilidade. Ambos morrem sem deixar descendência (Rt 1, 5). Mesters (2003, p. 25) faz o seguinte comentário:

Israel e Judá, os dois filhos nascidos da aliança entre Deus e o povo, esqueceram-se que Deus era o seu Rei e Senhor, e andaram atrás de outros deuses e outros senhores. Por isso, foram ficando doentes e frágeis. De fato, os dois reinos, tanto o do Norte (Israel) como o do Sul (Judá), foram se acabando. O que deles sobrou foi levado para o cativeiro. Lá, eles se misturaram com outros povos, raças e religiões, casaram-se

com mulheres estrangeiras, *Orfa e Rute*. Perderam a sua memória, suas raízes, sua fé, sua identidade, e acabaram morrendo. No fim, restou só a Noemi, mudada em rara, “sem os dois filhos e sem o marido”.

Em Maalon e Quelion o duplo é estéril e sem porvir. Uma existência sem Deus, com fé enfraquecida, sem esperança.

Booz e o fulano se contrastam no cumprimento da Lei. Enquanto Booz é generoso e amplia favoravelmente a compreensão dos preceitos legais; o fulano apega-se a seus interesses mesquinhos pois não quer prejudicar seu patrimônio (Rt 4, 6).

No comentário de Wasserman, citando a *Midrash*, há o seguinte registro:

A resolução de que os interesses do indivíduo são mais importantes do que os interesses comunitários foi chamado por nossos Sábios de ‘egoísmo de Elimelec’. E porque ele possuía esse atributo ele se inclinou em ir a Moav onde o egoísmo dominava. (WASSERMAN, 2009, p. 2)

O fulano repete o egoísmo, fonte do mal. “Era justamente essa mentalidade que o *Livro de Rute* queria denunciar e combater” (MESTERS, 2003, p. 63-64). Esta mentalidade que gera o quadro descrito em Neemias (5, 1-5).

Na alusão a Raquel e Lia, filhas de Labão (Gn 29), das quais foram geradas as doze tribos de Israel, o texto insere Rute no rol das matriarcas de Israel (FERNANDES, 2012, p. 74). Na representação do duplo, Raquel é amada, mas estéril; Lia é fértil, mas não é a preferida. As oposições entre fertilidade e esterilidade, entre penúria e abundância ecoam por toda a narrativa e se integra numa só história de salvação.

A imagem, ou imagens, de Deus que trazemos em nossa história afetam nosso modo de nos relacionarmos com o infinitamente Outro. Nos duplos apresentados acima, diferentes imagens de Deus provocam a forma e o sentido dos relacionamentos com o Senhor. A resistência a Deus está intimamente relacionada à imagem de Deus, como registra Barry:

A resistência a um relacionamento mais íntimo com Deus antes da experiência fundamental deriva principalmente das imagens falsas de Deus que as pessoas formam durante seus primeiros anos de vida. Por isso, nessa etapa, o trabalho do diretor espiritual ou do ministro é ajudar as pessoas a experimentar Deus de um jeito mais benigno. (BARRY, 2005d)

Quando Rute deixa seu povo e seus deuses é a um Deus Vivo e Verdadeiro a quem ela adere. “Todas as nossas imagens de Deus são ídolos que definitivamente desejam aprisionar Deus” (BARRY, 2005c, p. 45).

4.1.4 Fortalecimento do relacionamento entre a orientanda e o Senhor

O cântico de Rute (Rt 1, 16-17) manifesta sua adesão consciente ao Deus de Israel. Pode-se supor que, no momento da despedida de sua sogra, tomada por grande comoção, Rute

tenha se sentido tocada e impelida à esta explicitação de fé. Para a dinâmica da orientação espiritual, este momento chave da vida de Rute pode ser representativo de sua relação consciente com o Senhor e de sua resposta concreta ao Deus que tomou consciência pelo testemunho de Noemi.

“Noemi, vendo que Rute estava firmemente decidida a acompanhá-la, não insistiu mais com ela” (Rt 1, 18). Diante desta adesão sincera, Noemi cala e segue lado a lado com Rute, rumo a Belém, terra do pão. “Se existe uma comunicação mútua e uma mútua aceitação de esperanças desejos, ideais, temores e frustrações, o relacionamento não pode ser senão íntimo” (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 47). Nesta condição de intimidade se darão os colóquios entre Noemi e Rute ao longo de toda a narrativa.

Ao chegarem a Belém, Rute toma a iniciativa de ir respigar, garantindo assim a sobrevivência de ambas. A resposta de Noemi é curta.

Rute, a moabita, disse a Noemi: “Permite que eu vá ao campo respigar atrás daquele que me acolher favoravelmente.” Ela lhe respondeu: “Vai, minha filha.”

Ela partiu, pois, foi respigar no campo atrás dos segadores. Por felicidade, entrou ela na parte do campo pertencente a Booz, do clã de Elimelec. (Rt 2, 2-3)

Neste episódio o objetivo é claro e simples: garantir alimento para sobreviver. De modo alegórico, podemos ter que a busca não é cerceada, mas incentivada por aquela que tem o papel de lhe ajudar no caminho do conhecimento do Deus Vivo e Verdadeiro.

Após o primeiro dia de respiga e o encontro com Booz, o diálogo é cheio de conteúdo. Há genuíno interesse de Noemi pelo que Rute fez e pelo que encontrou: alegre-se e bendiz a Deus pelos dons recebidos, confirma sua nora nas escolhas feitas, incentiva-a na persistência.

Nos versículos 21 e 22 Rute reporta o que ouviu de Booz (Rt 1, 8). No relato, há uma troca de gênero em que Rute é corrigida com discrição por Noemi:

Rute, a moabita, disse: “Ele me falou também: Fica com meus servos até que terminem toda a colheita.” E Noemi respondeu a Rute, sua nora: “É bom, minha filha, que estejas na companhia de suas servas, pois assim não te maltratarão num outro campo.”

Assim ficou ela no meio das servas de Booz, respigando até o fim da colheita da cevada e do trigo. E morava com sua sogra.

A intenção prática é protegê-la da ação nefanda de quem pudesse abusar de sua vulnerabilidade. Noemi corrige explicando o sentido da recomendação.

Após este diálogo sobre o que aconteceu no campo de Booz, há um lapso temporal na narrativa que cobre o período de duas estações: a primavera, com a colheita da cevada, e o verão, com a colheita do trigo (DI SANTE, 2004, p. 214).

Rute passa por um período de convívio com seu novo povo e o modo de conhecer o Deus Vivo e Verdadeiro. Como alude Barry e Connolly (1985, p. 53) “uma lenta e paciente pedagogia muitas vezes tem que ser aplicada”. Após isso, Rute é convidada a dar um novo e decisivo passo em sua vida. Tomando o sentido simbólico da narrativa, pode-se supor que ao longo deste período houve muita interação dialógica entre os três protagonistas Rute, Booz e Noemi, e desses com o principal ator da história, o Senhor. Diálogos humanos, encharcados do divino. Retomando Barry e Connolly:

Convidar Deus a comunicar-se conosco em oração e tentar responder-lhe em oração, tende a envolver-nos de maneira total. Sentimentos, estados de espírito, pensamentos, desejos, esperanças, vontade, gestos e posturas corporais, atividades e orientação de vida, tendem a ser afetados. A oração se aprofunda e, à medida que isso se dá, ela canaliza cada vez mais para a sua dinâmica nossas forças e recursos. Seu escopo também se amplia. Gradualmente, ela atrai para a sua dinâmica um número cada vez maior de dimensões de nossas vidas. Nossas atitudes sociais e econômicas, nossos relacionamentos interpessoais, nossa escolha de amigos, nossa opção de trabalho, tudo começa a ser afetado pelo relacionamento entre nós e Deus à medida que esse relacionamento é expresso na oração pessoal. (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 52)

O estratagema planejado por Noemi (Rt 3, 1-4) e executado por Rute (Rt 3, 5-9) alcança o objetivo almejado graças à receptividade generosa de Booz (Rt 3, 10-15). Após isso, só resta a Noemi tranquilizar Rute e dizer-lhe “Fica tranquila, minha filha, até saberes como terminará tudo isso; com certeza este homem não descansará enquanto não resolver hoje mesmo esta questão” (Rt 3, 18).

Nos diálogos entre os protagonistas percebe-se a constante referência e reverência à Palavra de Deus, a busca de sua vontade, atitudes concretas para buscar e realizar sua vontade. Nesta dinâmica de fortalecimento da relação da orientanda com o Senhor, cabe deter-se ainda nos aspectos que são destacados por Vázquez Moro (VÁZQUEZ MORO, 1994, 2001, 2006), teografia e mistagogia.

Teografia são marcas da presença de Deus que, em seu relacionamento, vai deixando vestígios de sua passagem. Esses traços da presença de divina, torna possível a orientação espiritual, uma vez que por essas marcas o orientador, ou orientadora, pode perceber o que Deus vai registrando na vida da pessoa orante. A mistagogia é o sentido dessas marcas, segundo Vázquez. Em seu sentido amplo, mistagogia “significa a ação de introduzir uma pessoa no conhecimento de uma verdade oculta e no rito que a significa” (PESENTI, 2003). O próprio e peculiar da orientação espiritual cristã é Jesus Cristo, deste modo, a teografia e a mistagogia se manifestam e se concentram nele (VÁZQUEZ MORO, 1994). Isto posto, é relevante destacar outro texto de Vázquez:

A Trindade, com efeito, não é uma ideia sobre Deus. É o próprio acontecer da condescendência do amor absoluto de Deus, o seu evento e a sua vinda a este mundo, na humanidade de Jesus. De Jesus, a quem o próprio Pai Criador revela como Filho redentor. De Jesus que, por sua vez, revela Deus como seu Pai e nosso Pai, realizando assim o Dom da Promessa do Espírito santificador. (VÁZQUEZ MORO, 2000)

No conceito apresentado por Vázquez Moro (1994), é o próprio Deus que é o mistagogo por excelência. Por essas duas ações de Deus na vida da pessoa orante, e por sua oportuna percepção por parte de quem orienta, é possível acompanhar alguém na busca, compreensão e realização da vontade de Deus em sua vida. A percepção da ação teográfica e mistagógica de Deus na pessoa orante permite ao orientador acompanhar a experiência espiritual cristã de Deus dessa pessoa. E aqui vale ressaltar que a experiência espiritual cristã de Deus é uma experiência de fé na Trindade; não é uma experiência *sobre* Deus, mas uma experiência *de* Deus (AUTH; BOMBONATTO, 2013, p. 31).

4.2 A orientação espiritual e a comunidade de fé

A presença da comunidade de fé – que confirma e fortalece os liames cultural e familiar que se desenvolvem ao longo da narrativa do *Livro de Rute* – está figurado em três coletivos: as mulheres de Belém, o povo e os anciãos. Sua presença realça as atitudes dos protagonistas e como que sugere o *sensus fidei* diante dos acontecimentos. Os discursos desses coletivos explicitam a alegria de “comunidades de experiência compartilhada da vida comunitária de Deus”, usando-se uma expressão de Barry (2005d, p. 111), ao deter-se sobre o ministério da orientação espiritual na Igreja.

As mulheres de Belém estão em dois momentos diametralmente opostos na carga dramática do *Livro de Rute*. No primeiro momento elas recepcionam com agitada surpresa o retorno de Noemi que se mostra abatida e amargurada (Rt 1, 19-21). Nesse primeiro momento não há resposta das mulheres, seu silêncio aquiesce com dor da conterrânea. No segundo momento as mulheres se alegram com ela pelo dom que é o nascimento de Obed e pelo valor que Rute é para sua existência (Rt 4, 14-17), pode-se dizer que ente essas duas falas do coletivo feminino está todo o drama que culmina na vida que se renova na esperança. Cabe às mulheres o privilégio de dar o nome ao menino recém-nascido. Por esse ato, menino já não é mais filho somente de uma família, ou clã; é da cidade, da comunidade.

Após as tratativas para o resgate e levirato propostos por Booz (Rt 4, 1-10), haverá confirmação solene desses atos legais, cuja hermenêutica foi atualizada à luz da misericórdia e do bem comum. O povo e os anciãos proferem uma tríplice bênção (Rt 4, 11-12):

- Que Iahweh torne essa mulher que entra em tua casa semelhante a Raquel e a Lia, que formaram a casa de Israel.
- Torna-te poderoso em Éfrata adquira renome em Belém.
- E que, graças à posteridade que Iahweh te vai dar desta jovem, tua casa seja semelhante à de Farés, que Tamar deu à luz para Judá.

As falas coletivas do *Livro de Rute* enfatizam que o cumprimento dos mandamentos (*mitvot*) afetam positivamente toda a comunidade. Esses discursos ressaltam a importância da comunidade na busca e realização da vontade de Deus em nossas vidas.

A orientação espiritual desconectada de seu contexto eclesial e comunitário fecha-se à comunhão, morrendo por inanição. Deus Trindade é comunidade de amor que deseja nossa inclusão e participação, como nos apresenta Barry:

A intenção e Deus para nosso mundo é uma comunidade inclusiva de todas as pessoas em união com Deus Trino. Essa comunidade se define pelos laços de amizade que ligam os indivíduos uns aos outros. Amizade, entretanto, significa que o amor predomina sobre o medo e deve ser dado livremente, não pela força. Além disso a amizade significa partilhar tudo o que somos e temos com os amigos. Amizade é amor. (BARRY, 2005d, p. 109)

Por consequência, ao assumirmos como ministério da Igreja a orientação espiritual, colaboramos na formação de uma Igreja que cresce no coração da Trindade onde individualmente e coletivamente as pessoas centralizam suas vidas em Deus. Temos então o que afirma Barry:

A direção espiritual ajuda as pessoas a darem atenção e a partilharem com outro membro da comunidade experiências de Deus e, nesse processo, aprenderem a discernir o que é autenticamente de Deus do que não é. Dessa maneira, também aprendem a falar de suas experiências de Deus com outros membros da comunidade. O ministério da direção é, assim, formativo da comunidade religiosa que Deus deseja. (BARRY, 2005d, p. 112)

Nossa resposta à ação de Deus em nossas vidas adquire plena autenticidade quando confirmamos na comunidade de fé nossas decisões e nossos entendimentos. Nossa espiritualidade é trinitária, as consequências de comunhão e partilha são próprias à natureza do amor-comunhão no qual o Deus Trino deseja nos inserir.

Conclusão

Quando tomei o *Livro de Rute* para fazer uma reflexão sobre os diálogos de orientação espiritual que poderiam ser vistos a partir dos colóquios entre Noemi e Rute, tinha em mente que naquelas conversações poderia haver pistas da relação orientador e orientando. Constatei que a leitura do *Livro de Rute*, sob a ótica da orientação espiritual, permite entrar na dinâmica de pessoas que buscam encontrar e realizar a vontade de Deus em suas vidas. Noemi, Rute, e Booz vão percebendo a presença de Deus em suas vidas, na vida dos outros, na comunidade e na Sagrada Escritura que ilumina e direciona a vida. Mais que isso, essa busca e o seu devido discernimento é dado em clima de intenso diálogo entre as pessoas e dessas com os acontecimentos e com a Palavra de Deus.

O relacionamento entre Deus e os indivíduos, no *Livro de Rute*, destaca-se na perspectiva da misericórdia. Há relacionamentos, experiências e vivências em que Deus não tem o primado, nem é visto como amoroso e capaz de tudo perdoar, como no cenário inicial no primeiro capítulo, em que penúria, sofrimento, morte e luto são a tônica (Rt 1). Esta imagem é redimensionada com o mínimo despertar de esperança quando surge a figura de um possível redentor, na figura de Booz (Rt 2, 3). Esperança garantida em sua realização nos atos benevolentes de Booz (Rt 3, 12-13). O resgate de Rute é promessa de nossa redenção, uma vez que o nascimento de seu filho Obed, da linhagem de Davi, nos prenuncia o Messias (Rt 4, 17-22).

Em sua listagem de requisitos mínimos para o orientador espiritual, Barry e Connolly apresentam as seguintes atitudes:

Escuta empática, atenção, afirmação, ajuda em esclarecimento, fazer perguntas quando o indivíduo as deseja, e ajuda ao indivíduo para que ele reconheça as atitudes afetivas que influenciam sua posição em relação a Deus. (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 56)

Essas atitudes são percebidas tanto em Noemi como em Booz em relação a Rute. É também afirmativo quando se consideram as tarefas fundamentais do orientador, a saber, “ajudar o dirigido a prestar atenção a Deus à medida que Ele se revela”, e ainda “ajudar o dirigido a reconhecer suas reações e a decidir quais as suas respostas a esse Deus” (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 56).

Tomando-se a definição de contemplação dada por Barry e Connolly, pode-se dizer que Rute, Noemi e Booz são pessoas contemplativas:

Contemplação começa quando alguém deixa totalmente de se preocupar com os seus próprios interesses e permite que outra pessoa, acontecimento ou objeto, prendam sua

atenção. Quando é uma pessoa que está sendo contemplada, ele deixa que tal pessoa, com a sua personalidade, interesses e atividades absorva sua atenção. [...] Uma atitude contemplativa pode desenvolver-se através desse tipo de oração e, se isso acontecer, permitirá que encontremos algum bem-estar e espontaneidade em prestar atenção ao Senhor conforme ele se revela nas Escrituras, na Criação, na nossa própria vida e na vida do mundo, em lugar de vê-lo simplesmente como uma figura de segundo plano em relação aos nossos próprios interesses. (BARRY; CONNOLLY, 1985, p. 58)

Os protagonistas da narrativa mostram-se aptos à contemplação dado que rompem com o ensimesmamento e egoísmo, e são incentivadores da atitude contemplativa. As bênçãos presentes no *Livro de Rute* são frutos dessa atitude contemplativa que as pessoas demonstram ter. A presença da Sagrada Escritura é abundante: as normas revisitadas, os costumes, as bênçãos, indicam que é pela Palavra de Deus que cada pessoa e a comunidade se deixam guiar. As reações pessoais aos acontecimentos, a preocupação com o outro e os diálogos registram que há uma interação positiva das pessoas entre si e dessas com a comunidade. Neste enfoque, reflete William Barry:

As pessoas são definidas por suas relações e o ideal da religião é uma comunidade inclusiva na qual todos se importam com todos os outros e ninguém se importa consigo mesmo. (BARRY, 2005d, p. 79)

O sair de si mostra-se como chave para chegar ao coração de Deus. O aprendizado que se pode ter ao ler e meditar o *Livro de Rute* é que o encontro com o Senhor, a descoberta e cumprimento de sua vontade, se dá no exercício contínuo de abertura para os outros.

Referências

- ALANATI, Leonardo. Releituras rabínicas do livro de Rute. *Estudos Bíblicos*, n. 98, p. 72-76, 2008.
- ÁLVAREZ BENJUMEA, Olga Lucia. O livro de Rute, bordado à mão. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 67, p. 59-68, set. 2013.
- ASSAN-DHOTE, Isabelle; MOATTI-FINE, Jacqueline (Eds.) *Ruth*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2009. (La Bible d'Alexandrie, 8). 118 p.
- AUTH, Romi; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *A minha alma tem sede de Deus: teologia da espiritualidade bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2013. 261 p. (Coleção Bíblia em Comunidade: Série Teologias Bíblicas, 18).
- BARRY, William A. Experience of the First and Second Weeks of the Spiritual Exercises. *Review for Religious*, v. 32, n. 1, p. 102-109, 1973a. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Silence and the Directed Retreat. *Review for Religious*, v. 32, n. 2, p. 347-351, 1973b. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Contemplative Attitude in Spiritual Direction. *Review for Religious*, v. 35, n. 6, p. 820-828, 1976. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. On Asking God to Reveal Himself in Retreat. *Review for Religious*, v. 37, n. 2, p. 171-176, 1978. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Desire to "Love as Jesus Loved" and its Vicissitudes. *Review for Religious*, v. 44, n. 5, p. 747-753, 1985a. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Distortions in Relationship: The Transference and Countertransference Phenomena. *Human Development Magazine*, v. 6, n. 3, 1985b.
- BARRY, William A. Religious Community: A Diagnosis and a Prescription. *Review for Religious*, v. 44, n. 3, p. 405-409, 1985c. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Resistance to Union: A Virulent Strain. *Review for Religious*, v. 44, n. 4, p. 592-596, 1985d. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. The Process Called Working Through. *Human Development Magazine*, v. 7, n. 3, 1986a.
- BARRY, William A. Pursuing Ministerial Integration: A Priest-Psychologist Reviews His Personal Journey. *Human Development Magazine*, v. 7, n. 1, 1986b.
- BARRY, William A. The Religious Dimension of Experience: Theological Principles Useful in Pastoral Ministry. *Human Development Magazine*, v. 7, n. 2, 1986c.
- BARRY, William A. To Forgive as Jesus Forgives. *Review for Religious*, v. 45, n. 6, p. 909-913, 1986d. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. God's Love Is Not Utilitarian. *Review for Religious*, v. 46, n. 6, p. 831-843, 1987a. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Missing the Meaning of Religious Experience: Hermeneutic of Suspicion Is an Enticing Trap. *Human Development Magazine*, v. 8, n. 1, 1987b.
- BARRY, William A. Relationships Making Ministry Effective. *Human Development Magazine*, v. 8, n. 2, 1987c.

- BARRY, William A. Surrender: the Key to Wholeness. *Review for Religious*, v. 46, n. 1, p. 49-53, 1987d. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. What Makes a Group a Community? *Human Development Magazine*, v. 8, n. 4, 1987e.
- BARRY, William A. The Complex Nature of Religious Experience. *Human Development Magazine*, v. 9, n. 3, 1988a.
- BARRY, William A. Interpretation of Experiences Reveals Beliefs. *Human Development Magazine*, v. 9, n. 2, 1988b.
- BARRY, William A. Supervision Improves Ministry. *Human Development Magazine*, v. 9, n. 1, 1988c.
- BARRY, William A. Are Social Scientists Authorities on Morality? *Human Development Magazine*, v. 10, n. 2, 1989a.
- BARRY, William A. Breaking the Cycle of Evil. *Human Development Magazine*, v. 10, n. 3, 1989b.
- BARRY, William A. God's Sorrow: Another Source of Resistance? *Review for Religious*, v. 48, n. 6, p. 841-846, 1989c. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. A Superior's Relationship with a Therapist. *Human Development Magazine*, v. 10, n. 1, 1989d.
- BARRY, William A. What Do You Want?-The Role of Desires in Prayer. *Review for Religious*, v. 48, n. 1, p. 5-13, 1989e. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Ignatius of Loyola's Discernment of Spirits. *Human Development Magazine*, v. 11, n. 3, 1990a.
- BARRY, William A. *Now Choose Life: Conversion As the Way to Life*. New York: Paulist Press, 1990b. 115 p.
- BARRY, William A. Touchstone Experiences as Divining Rods in Discernment. *Review for Religious*, v. 49, n. 4, p. 610-614, 1990c. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Changing Self-God Image of Ignatius of Loyola. *Review for Religious*, v. 50, n. 1, p. 28-34, 1991a. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Developing a Relationship with God. *Human Development Magazine*, v. 12, n. 4, 1991b.
- BARRY, William A. Discernment of Spirits: A Response to the Spiritual Crisis of Our Age. *Review for Religious*, v. 50, n. 1, p. 103-109, 1991c. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. Does God Need Us? *Human Development Magazine*, v. 13, n. 2, 1992a.
- BARRY, William A. Gratitude Leading to Love. *Human Development Magazine*, v. 13, n. 1, 1992b.
- BARRY, William A. *Allowing the Creator to Deal With the Creature: An Approach to the Spiritual Exercises of Ignatius of Loyola*. New York: Paulist Press, 1994a. 127 p.
- BARRY, William A. *Procura meu rosto*. São Paulo: Loyola, 1994b. 95 p. Título original: *Seek my face: prayer as personal relationship in Scripture*.
- BARRY, William A. *Que desejo com Deus?* São Paulo: Loyola, 1995a. 132 p. Título original: *What do I want in prayer?*

- BARRY, William A. U.S. Culture and Contemporary Spirituality. *Review for Religious*, v. 54, n. 1, p. 6-21, 1995b. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. *Dar atenção a Deus: discernimento na oração*. São Paulo: Loyola, 1996a. 118 p. Título original: *Discernment in prayer: paying attention to God*.
- BARRY, William A. *O desejo apaixonado de Deus e nossa resposta*. São Paulo: Loyola, 1996b. 142 p. Título original: *God's passionate desire and our response*.
- BARRY, William A. *Our way of proceeding: To make the constitutions of the Society of Jesus and their complementary norms our own*. Boston: Institute of Jesuit Sources, 1997a. 190 p. (Studies in Jesuit topics, 19).
- BARRY, William A. *Para encontrar Deus em todas as coisas: roteiro para os exercícios espirituais de Santo Inácio*. São Paulo: Loyola, 1997b. 158 p. Título original: *Finding God in all things: a companion to the spiritual exercises of St. Ignatius*.
- BARRY, William A. Sage Advice for Times of Great Change. *Human Development Magazine*, v. 20, n. 4, 1999a.
- BARRY, William A. *With an everlasting love: developing an intimate relationship with God*. New York: Paulist Press, 1999b. 172 p.
- BARRY, William A. *E vós, quem dizeis que eu sou? ao encontro do Jesus histórico na oração*. São Paulo: Loyola, 2000. 126 p. Título original: *Who do you say I am?: meeting the historical Jesus in prayer*.
- BARRY, William A. *Letting God come close : an approach to the Ignatian spiritual exercises*. 5. ed. Chicago: Loyola Press, 2001. 224 p.
- BARRY, William A. The Ministry of Public Prayer. *Human Development Magazine*, v. 23, n. 4, 2002.
- BARRY, William A. Decision-Making in the Ignatian Tradition. *Review for Religious*, v. 62, n. 2, p. 118-130, 2003a. Disponível em: <<http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>>.
- BARRY, William A. The Human Development God Wants. *Human Development Magazine*, v. 24, n. 2, 2003b.
- BARRY, William A. *Jesuit spirituality for the whole of life*. St. Louis: Seminar on Jesuit Spirituality, 2003c. 66 p. (Studies in the Spirituality of Jesuits, 35/1).
- BARRY, William A. Spiritual Healing. *Human Development Magazine*, v. 25, n. 1, 2004.
- BARRY, William A. Changing the “Default” Image of God. *Human Development Magazine*, v. 26, n. 1, 2005a.
- BARRY, William A. Christian Maturity Through Ignatian Spirituality. *Human Development Magazine*, v. 26, n. 2, 2005b.
- BARRY, William A. *Deus e você: a oração como relacionamento pessoal*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005c. 83 p. Título original: *God and you: prayer as a personal relationship*.
- BARRY, William A. *A direção espiritual e o encontro com Deus: uma indagação teológica*. São Paulo: Loyola, 2005d. 132 p. Título original: *Spiritual direction and the encounter with God: a theological inquiry*.
- BARRY, William A. Is God Enough? *Human Development Magazine*, v. 26, n. 4, 2005e.
- BARRY, William A. Union with God or Finding God’s Will? *Human Development Magazine*, v. 27, n. 3, 2006a.
- BARRY, William A. What Is the Real World? *Human Development Magazine*, v. 27, n. 1, 2006b.

- BARRY, William A. Integrity and Friendship with God. *Human Development Magazine*, v. 28, n. 3, 2007a.
- BARRY, William A. Is this any Way to Treat your Friends. *Human Development Magazine*, v. 28, n. 4, 2007b.
- BARRY, William A. A Note on Leadership, Ignatian Style. *Human Development Magazine*, v. 28, n. 1, 2007c.
- BARRY, William A. Where do We Experience God? *Human Development Magazine*, v. 28, n. 2, 2007d.
- BARRY, William A. Communal Discernment. *Human Development Magazine*, v. 29, n. 3, 2008a.
- BARRY, William A. *A Friendship Like No Other: Experiencing God's Amazing Embrace*. Chicago: Loyola, 2008b. 224 p.
- BARRY, William A. How we Became a Forgiving People. *Human Development Magazine*, v. 29, n. 2, 2008c.
- BARRY, William A. Making Friends with God in the Real World. *Human Development Magazine*, v. 29, n. 1, 2008d.
- BARRY, William A. The First Commandment and Sanity: Faith Casts out Fear. *Human Development Magazine*, v. 30, n. 2, 2009a.
- BARRY, William A. *Here's My Heart, Here's My Hand: Living Fully in Friendship with God*. Chicago: Loyola Press, 2009b. 232 p.
- BARRY, William A. *Changed Heart, Changed World: The Transforming Freedom of Friendship with God*. Chicago: Loyola Press, 2011a. 208 p.
- BARRY, William A. Telling God the Truth about our Sexuality. *Human Development Magazine*, v. 32, n. 1, 2011b.
- BARRY, William A. *Praying the Truth: Deepening Your Friendship with God through Honest Prayer*. Chicago: Loyola Press, 2012a. 112 p.
- BARRY, William A. A Starting Point for Formation toward Celibate Chastity. *Human Development Magazine*, v. 33, n. 3, 2012b.
- BARRY, William A. *et al.* Culture Shock Afflicts Missionaries. *Human Development Magazine*, v. 11, n. 4, 1990.
- BARRY, William A.; CONNOLLY, William. *A prática da direção espiritual*. São Paulo: Loyola, 1985. 205 p. Título original: *The practice of Spiritual Direction*.
- BARRY, William A.; DOHERTY, Robert G. *Contemplativos em ação: o caminho jesuíta*. São Paulo: Loyola, 2005. 102 p. Título original: *Contemplatives in action: the jesuit way*.
- BARRY, William A.; GUY, Mary C. Practice of Supervision in Spiritual Direction. *Review for Religious*, v. 37, n. 6, p. 834-842, 1978. Disponível em: <http://cdm.slu.edu/cdm/landingpage/collection/rfr>.
- BARRY, William A.; MALONEY, Kerry A. *A hunger for God : ten approaches to prayer*. Kansas City: Sheed & Ward, 1991.
- BARSOTTI, Divo. Ruth. In: BARSOTTI, Divo (Ed.). *Ruth; La parole et l'esprit: essai sur l'exégèse spirituelle*. Paris: Pierre Téqui, 1999. p. 9-70.
- BLANCO ARELLANO, Lucio Rubén. Booz: para uma masculinidade de doação. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 56, p. 72-89, 2007.
- BRENNER, Athalya (Ed.) *Rute: a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2002. (A Bíblia: uma leitura de gênero).

- BRONNER, Leila Leah. Uma abordagem temática de Rute na literatura rabínica. In: BRENNER, Athalya (Ed.). *Rute: a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2002. v. . . p. 195-226. (A Bíblia: uma leitura de gênero).
- CAMBIER, Jules; LÉON-DUFOUR, Xavier. *Misericórdia*. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 608-613.
- CASTRO, Maria Aparecida de. Rute: símbolo da força feminina. *Estudos Bíblicos*, v. 29, n. 114, p. 109-118, 2012.
- CUNHA, Elenira. A shekiná em Paulo. *Estudos Bíblicos*, n. 101, p. 74-80, 2009.
- DI SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estruturas, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004. 261 p. (Biblioteca de Estudos Bíblicos).
- DUPUIS, Jacques. *Introdução à Cristologia*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 239 p. (Introdução às disciplinas teológicas, 6). Título original: *Introduzione alla cristologia*.
- DUQUE, Maria Aparecida; PULGA, Rosana. O protagonismo de uma sogra: a história de Noemi e Rute, uma abordagem feminina sob o olhar da psicologia. *Estudos Bíblicos*, n. 98, p. 121-129, 2008.
- FERNANDES, Leonardo Agostini. *Rute*. São Paulo: Paulinas, 2012. 110 p. (Comentário Bíblico Paulinas).
- FISCHER, Irmtraud. *Des femmes aux prises avec Dieu: recits bibliques sur les debuts d'Israel*. Paris: Du Cerf, 2008 238 p.
- FRIZZO, Antonio Carlos. Deuteronômio e Mishná: tradições que se unem na defesa dos pobres (1ª parte). *Atualidade Teológica*, v. 14, n. 36, p. 419-440, set./dez. 2010a.
- FRIZZO, Antonio Carlos. Deuteronômio e Mishná: tradições que se unem na defesa dos pobres (2ª parte). *Atualidade Teológica*, v. 14, n. 36, p. 453-470, set./dez. 2010b.
- FRIZZO, Antonio Carlos. Uma tríade social que qualifica o ato de conhecer a Deus. *Revista Pistis Praxis*, v. 3, n. 1, p. 15-42, 2011.
- GASS, Ildo Bohn. Rute: uma estrangeira fiel a YHWH resgata direitos do pobre. In: *Uma introdução à Bíblia: exílio babilônico e dominação persa*. São Leopoldo; São Paulo: Cebi; Paulus, 2004. v. 5, p. 187-196.
- GIULIANO, Giuseppe. *Docilidade*. In: BORRIELLO, L. et al (orgs.). *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2003. p. 336-337.
- GRACIA, Célio de Pádua. Uma leitura do livro de Rute: mulheres pobres e transgressoras do judaísmo. *Estudos Bíblicos*, n. 114, p. 97-108, 2012.
- HOWELL, James C. Ruth 1:1–18. *Interpretation*, v. 51, n. 3, p. 281-284, July 1, 1997 1997. Disponível em: <<http://int.sagepub.com/cgi/content/short/51/3/281>>.
- HUGO, Victor. Booz endormi. In: *La légende des siècles*. Paris: Garnier Frères, 1950. v. 1, p. 36-39.
- INÁCIO DE LOYOLA, santo. *Exercícios espirituais*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2011. 175 p. (Escritos de Santo Inácio). Tradução de PAIVA, R. Tradução do autógrafo espanhol organizada por Joaquim F. Pereira.
- JOÃO PAULO II, papa. *Carta aos artistas*, A todos aqueles que apaixonadamente procuram novas "epifanias" da beleza para oferecê-las ao mundo como criação artística. Roma, 4 de abril de 1999. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/index_po.htm>. Acesso em: 28.1.2015.

- KING, Greg A. Ruth 2:1–13. *Interpretation*, v. 52, n. 2, p. 182-184, April 1, 1998 1998. Disponível em: <<http://int.sagepub.com/cgi/content/short/52/2/182>>.
- KONINGS, Joahan. *A palavra se fez livro*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2010. 102 p. (Coleção FAJE).
- KOSTER, Henry (dir.). *A História de Ruth (The Story of Ruth)* [filme]. Estados Unidos, 1960. 132 min.
- LACOCQUE, André. *Le Livre de Ruth*. Genève: Labor et Fides, 2004. 150 p. (Commentaire de l'Ancien Testament, 17).
- LAMAS, Berenice Sica. *O duplo em Lygia Fagundes Telles: um estudo em literatura e psicologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 288 p.
- LENEMAN, Helen. More than the Love of Men: Ruth and Naomi's Story in Music. *Interpretation*, v. 64, n. 2, p. 147-160, April 1, 2010 2010. Disponível em: <<http://int.sagepub.com/cgi/content/abstract/64/2/147>>.
- LEVINSON, Bernard M. *Revisão legal e renovação religiosa no antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2011. 191 p. (Coleção Academia Bíblica).
- LINAFELT, Tod. Narrative and Poetic Art in the Book of Ruth. *Interpretation*, v. 64, n. 2, p. 117-129, April 1, 2010 2010. Disponível em: <<http://int.sagepub.com/content/64/2/117.abstract>>.
- LOPES, Mercedes. Aliança pela vida: uma leitura de Rute a partir das culturas. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 26, p. 110-116, 1997.
- LOPES, Mercedes. O livro de Rute. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, p. 88-100, 2005.
- MANN, Thomas W. Ruth 4. *Interpretation*, v. 64, n. 2, p. 178-180, April 1, 2010 2010. Disponível em: <<http://int.sagepub.com/cgi/content/short/64/2/178>>.
- MATHIEU, Florence; MATHIEU, Thierry. *Ruth, une amie sur le chemin: tradition juive, lumière carmélitaine*. Paris: Parole et Silence, 2014. 132 p.
- MAUR, Raban. Commentaire sur le Livre de Ruth. In: MONAT, Pierre (Ed.). *Deux commentaires sur le Livre de Ruth*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2009. p. 11-153. (Sources Chrétiennes, 533).
- MENA LÓPEZ, Maricel. A Torá feminina: introdução histórico-literária. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 67, p. 9-28, set. 2013.
- MESTERS, Carlos. Casos de imaginação criativa. *Estudos Bíblicos*, n. 42, p. 20-27, 1994.
- MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute: pão, família, terra*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003. 79 p.
- MESTERS, Carlos. *Rute*. São Paulo: Loyola, 2009. 70 p.
- MEYERS, Carol. *Women of Bethlehem*. In: MEYERS, Carol et al (orgs.). *Women in scripture : a dictionary of named and unnamed women in the Hebrew Bible, the Apocryphal/Deuterocanonical books, and the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2000 p. 253.
- MISSAL cotidiano: *missal da assembleia cristã*. São Paulo: Paulus, 1995. 2078 p.
- MOORE-KEISH, Martha L. Ruth 2. *Interpretation*, v. 64, n. 2, p. 174-176, April 1, 2010 2010. Disponível em: <<http://int.sagepub.com/content/64/2/174.short>>.
- MORRIS, Leon. Rute. In: CUNDALL, Arthur E.; MORRIS, Leon (Ed.). *Juízes e Rute*. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 205-301. (Cultura Bíblica, 7).

- OCAÑA, Martín. A eficácia da graça diante da eficiência do mercado: uma leitura do livro de Rute. In: ORTEGA, Ofelia (Ed.). *Graça e ética: o desafio da ética para nossas eclesiologias*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 75-87.
- OZICK, Cynthia. Rute. In: BRENNER, Athalya (Ed.). *Rute: a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2002. v. . . p. 251-283. (A Bíblia: uma leitura de gênero).
- PESENTI, Giuseppe Graziano. *Mistagogia*. In: BORRIELLO, Luigi *et al* (orgs.). *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2003. p. 702-704.
- PRADO, José Luiz Gonzaga do. O livro de Rute à luz do método histórico-crítico. *Estudos Bíblicos*, n. 98, p. 77-84, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliapovo.com.br/ptest/rute.pdf>>. Acesso em: 02/01/2015.
- SANDEVOIR, Pierre. *Viúva*. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 1125-1126.
- SASSI, Katia Rejane. Desenrolando as cinco Meguilot festivas. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 67, p. 29-45, set. 2013.
- SCHROEDER, Miguel Antônio. *Experiência de Deus e linguagem interior: o caminho da conversão e a oração contemplativa em Inácio de Loyola*. Porto Alegre: Padre Reus, 2007. 176 p.
- SILVA, Airton José da. Leitura socioantropológica do Livro de Rute. *Estudos Bíblicos*, n. 98, p. 107-120, 2008.
- SLOTKI, Judah J. Ruth. In: COHEN, A. (Ed.). *The five megilloth: hebrew text & english translation with introductions and commentary: Song of songs, Ruth, Lamentations, Ecclesiastes, Esther*. London: The Soncino Press, 1968. p. 34-65. (Soncino books of the Bible).
- STRUS, Joseph. *Direção espiritual*. In: ANCILLI, Ermanno; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (orgs.). *Dicionário de espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2012. v. 1, p. 767-779.
- TATE, Jessica. Ruth 1:6–22. *Interpretation*, v. 64, n. 2, p. 170-172, April 1, 2010 2010. Disponível em: <<http://int.sagepub.com/cgi/content/short/64/2/170>>.
- TEZZA, Maristela; TOSELI, Cecília. Rute: uma introdução. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 67, p. 47-58, set. 2013.
- THORP, Barbara; BARRY, William A. Boys' Tears in Men's Eyes: How Can We Help? *Human Development Magazine*, v. 25, n. 1, 2004.
- TURIN, Claude de. Commentaire sur le Livre de Ruth. In: MONAT, Pierre (Ed.). *Deux commentaires sur le Livre de Ruth*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2009. p. 155-183. (Sources Chrétiennes, 533).
- VÁZQUEZ MORO, Ulpiano. Pequenos avisos sobre a orientação espiritual: um roteiro. *Itaici - Revista de Espiritualidade Inaciana*, n. 18, p. 55-59, 1994.
- VÁZQUEZ MORO, Ulpiano. O que fazem as pessoas divinas (EE 108). *Itaici - Revista de Espiritualidade Inaciana*, v. 11, n. 39, p. 5-20, mar. 2000.
- VÁZQUEZ MORO, Ulpiano. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Loyola, 2001. 86 p.
- VÁZQUEZ MORO, Ulpiano. A nova imagem do orientador espiritual e sua função. *Itaici - Revista de Espiritualidade Inaciana*, n. 65, p. 23-40, 2006.
- VITÓRIO, Jaldemir. A narratividade do Livro de Rute. *Estudos Bíblicos*, n. 98, p. 85-106, 2008.

WASSERMAN, Adolpho. *Ruth*. São Paulo: Maayanot, 2009. 73 p. Tradução e compilação dos comentários por Adolpho Wasserman.

WÉNIN, André. Le Livre de Ruth: une approche narrative. *Cahiers Évangile*, n. 104, p. 3-63, juin 1998.